

IGNEZ DE CASTRO

DRAMA EM 5 ACTOS

ORIGINAL

DE

MAXIMILIANO DE AZEVEDO

Representado pela primeira vez em Lisboa,
no theatro da Rua dos Condes, a 27 de dezembro de 1894



1908
IMPRESA LUZO-AFRICANA
77-Rua da Magdalena-79
LISBOA

PERSONAGENS

- D. Pedro, infante de Portugal — Julio Soller.
D. Affonso IV, rei de Portugal — Carlos Posser.
Raymundo Moniz, monteiro do infante — Ricardo.
D. Alvaro Pires de Castro, irmão de Ignez de Castro —
Fernando Maia.
Egas Peres, escudeiro do infante — Luiz Pinto.
Diogo Lopes Pacheco, senhor de Ferreira — Mathias de
Almeida.
Alvaro Gonçalves, meirinho-mór da cõrte — Alexandre
de Azevedo.
Pero Coelho — Firmino Brazão.
Mendo Ayres de Briteiros, rico-homem — Lima.
Martim Gomes, pagem — Virginia Lima.
D. João, filho de D. Pedro e de D. Ignez — Adolpho
Sampaio.
Fernão Peres, escudeiro — Antonio Salvador.
D. Diniz, filho de D. Pedro e de D. Ignez, personagem
muda — Virgílio.
D. Ignez de Castro — Amelia Vieira.
D. Constança Manoel, esposa do infante — Lucinda do
Carmo.
D. Sancha Moniz Peres, dama da rainha D. Brites —
Anna Pereira.
Hilança Gomes, aia dos filhos de D. Ignez — Virginia
Lima.
Beatriz, filha de D. Pedro e D. Ignez, personagem
muda — Pepita de Abreu.
- Servidores de D. Affonso e de D. Pedro, cuvilhei-
ras, monteiros, falcoeiros, cortezãos, homens de ar-
mas, religiosas do mosteiro de Santa Clara de Coim-
bra, etc.

*1.º acto, em Santarem, em novembro de 1345, e os
actos ao pé de Coimbra, em janeiro de 1355 o 2.º, 3.º
e 4.º, e em 1361 o 5.º*

ACTO I

Uma sala no paço da Alcaçova, em Santarem. Architectura mourisca. Porta no fundo-esquerda dizendo para um terraplano da alcaçova, do qual se avista uma parte da margem do Tejo correspondente a Almeirim, Alpiarça, etc. Porta no fundo direito pela qual se avistam as torres e ameias da fortificação, perdendo-se a extremidade nos bastidores. Porta na direita, dando para os aposentos de D. Constança. Reposteiro n'esta ultima porta, com as armas portuguezas do tempo de D. Affonso IV. Retabulos com santos, nas paredes.

SCENA I

SANCHA E MENDO

SANCHA

Longa ausencia nos fizestes, primo!

MENDO

A ultima vez que estive na côrte foi quando o snr. infante casou, na sé de Lisboa, com a snr.^a D. Constança Manoel. Já lá vão cinco annos.

SANCHA

Como o tempo corre! Verdade é que ha mais de dez estou eu ao serviço da rainha, e parece-me que há hontem...

MENDO

Bem me lembro! Estava a côrte em Evora, nos paços de S. Francisco. Eu tinha lá ido, e muitos ricos-homens e prelados, para assistir aos desposorios do snr. D. Pedro com a snr.^a D. Constança...

SANCHA

Que era por signal representada pelo delfo de Cuenca. Ninguem então adivinhara o que iam dar de si aquellas festas magnificas.

MENDO

E' verdade! ..

SANCHA

Que el-rei de Castella, tendo desposado a nossa infanta D. Maria, depois de faltar á promessa de casamento feita a D. Constança, teimaria em não consentir que a sua primeira noiva partisse para Portugal, a juntar-se com o snr. D. Pedro...

MENDO

Sem olhar ao sangue, que por essa causa faria derramar!

SANCHA

(Baixo.) Peiores tem elle feito. Pobre snr.^a D. Maria!

MENDO

Mas desde a batalha do Salado acabaram-se as discordias entre ambos.

SANCHA

Grande favor! Pois quem lhe salvou o throno sendo a esposa, que ahi veiu banhada em lagrimas implorar o auxilio paterno?... Tinha que vêr se continuava a dar escandalo com a amante... a tal D. Leonor de Guzman!

MENDO

Vi-a uma vez em Valladolid. Que formosura!...

SANCHA

(Sarcastica.) Tambem vos enfeitiçou? (Furiosa.) Mal hajam essas infames sereias, que roubam os maridos ás mulheres de bem!

MENDO

(Admirado.) Olá! Será o caso que vosso esposo, pela
diferença das edades?...

SANCHA

(Agastando-se.) Egas tem só menos dez annos do que
eu.

MENDO

Pois tinham-me dito...

SANCHA

(Atalhando.) Não fallava por conta propria... É que
me ferve o sangue quando vejo certas coisas...

MENDO

Agora, agora! (Baixo.) É então certo que o snr. in-
fante e Collo de Garça?...

SANCHA

(Baixo.) Ignez de Castro? (Olha em volta.) Cá e lá
mis fadas ha.

MENDO

Acabaram em Castella, começam em Portugal.

SANCHA

(Escutando.) Chiton! (Vendo Raymundo entrar.) Ah!
É meu irmão.

SCENA II

OS MESMOS E RAYMUNDO

RAYMUNDO

Bem vindo sejaes! Que novas de Estremoz?.. As
da corte já as sabeis todas, pois não podieis topar
melhor alviçareiro. (Indica Sancha.)

SANCHA

Que chasco tão fino!

RAYMUNDO

Se vos zangardes, ainda ficareis mais feia.

MENDO

(Interpondo-se.) Do que mais fallamos por lá, é dos successos da côrte.

RAYMUNDO

(A Sancha, lamentoso.) Roubaram-vos o assumpto!

SANCHA

(Com intenção.) Se fallo muito, fallo sempre verdade!

MENDO

Tambem lá me chegou a noticia de certos amores...

RAYMUNDO

(Açedo.) E minha irmã confirmou-a e desenvolveu-a?

MENDO

Amores de uma alta personagem.

SANCHA

(Olhando em derredor.) Cuidado! As paredes teem ouvidos!

RAYMUNDO

Menos estas! Ensurdeceram, por vossa culpa.

SANCHA

(Agastando-se.) De vos ouvirem as grandes façanhas guerreiras *(Ri.)*

RAYMUNDO

(A Mendo.) Hontem disse isto mesmo deante de dois pagens. E hei de pupal-a?...

MENDO

Ora que sempre vos conheci mal avindos !

RAYMUNDO

Ha tres annos ainda estamos peor. Desde o seu casamento. *(Rapidamente.)* Como se eu lhe tivesse aconselhado para marido, quem podia ser seu neto !

SANCHA

(Reprimindo-se, zombeteira.) Receaes perder a minha herança ?

RAYMUNDO

Talvez, mas consolo-me com a ideia de poder ainda ser tio.

SANCHA

E' tambem graça já velha. *(A Mendo.)* Fez ha dias rir com ella a Ignez Pires.

RAYMUNDO

Quem se riu não foi D. Ignez de Castro, mas o snr. infante D. Pedro.

SANCHA

Onde está um, está sempre o outro .. E' natural o engano.

RAYMUNDO

(Serio.) Acho indigno repetir calumnias. Santa Maria de Alcaçova fica-nos perto... Ide penitenciar-vos !

SANCHA

(Sarcastica.) Mais um campeão da beldade !

RAYMUNDO

(Serio.) Eu deixei de gracejar !

SANCHA

E eu tambem, porque pensei na snr.^a infanta. Aquella sim, é merecedora de tudo. Tão boa, tão virtuosa, e tem padecido o que devera ser castigo de algumas outras.

RAYMUNDO

(*Impaciente.*) De quaes outras?

SANCHA

(*Continuando.*) Não lhe bastavam os desgostos que teve em Castella com as turbulencias de seu pae, o snr. D. João Manoel, marquez de Vilhena...

RAYMUNDO

(*Como acima.*) Duque de Penafiel e adeantado de Murcia.. Bem sei os titulos que possui o neto de el-rei D. Fernando III.

SANCHA

Pobre senhora! Desde o berço, victima de paixões a que era estranha. Casa, e tem de aguardar quatro annos o momento de se reunir com seu esposo.

RAYMUNDO

Mas ha cinco já que se reuniu e que é feliz!

SANCHA

Feliz, tendo-lhe morrido o primeiro filho? Deus sabe se, n'aquelle anjo, foram castigados os crimes alheios!

RAYMUNDO

Crimes! A minha irmã endoideceu.

SANCHA

Pois a quem escolheu a snr.^a infanta para madriinha do seu primeiro filho? A Ignez de Castro.

RAYMUNDO

Calae-vos, que ahi vem gente. (*Sobem.*)

MENDO

(Que escutava, muito curioso.) Não virá talvez para aqui.

RAYMUNDO

Oh! Se minha irmã gosta de fallar, o meu primo ainda gosta mais de ouvir!

SCENA III

OS MESMOS E EGAS

SANCHA

(Correndo para Egas.) Ah! É meu marido!

MENDO

Guapo mancebo!

EGAS

Graças vos dou, senhor...

SANCHA

(Indicando Mendo à Egas.) D. Mendo Ayres de Brites, nosso primo. A rainha já voltou de S. Domingos?

EGAS

Ainda não. Deve assistir a toda a cerimonia...

SANCHA

(Explicando a Mendo.) Celebrada em acção de graças pelo nascimento do infante D. Fernando e pelas melhoras de sua mãe, a snr.^a D. Constança. *(A Egas.)* Mas como estás aqui, tendo ido no sequito da snr.^a D. Brites?

EGAS

Vendo que se demorava, sua mercê mandou-me saber se o passeio não tinha feito mal á snr.^a infanta.

SANCHA

O passeio?... Ainda ella não sahio dos seus aposentos. (*Indica a porta da direita.*) Porque foste tu e não outro o escolhido?

EGAS

Porque a rainha me quiz dar essa honra.

SANCHA

Quem sabe se te offereceste?... (*Baixo.*) Com ella só tinham ido respeitaveis donas, ficando em palacio as gentis donzellas de honor... uma principalmente...

EGAS

(*Baixo.*) Deixae em paz a D. Ignez. (*Raymundo, gosando-os, dá com o cotovello em Mendo. Egas vae a sahir pela direita.*) Vou saber da snr.^a infanta...

SANCHA

(*Antecipando-se.*) Vou eu, que posso mais facilmente... Tambem ali está el-rei que desejou acompanhar sua nora n'este primeiro passeio.

MENDO

E o snr. infante D. Pedro?

SANCHA

Esse já foi hoje montar para os lados de Almofter.

RAYMUNDO

(*Desculpando-o*) Não sahia, ha quinze dias, desde o nascimento de seu filho, e, como viu a esposa convalescente...

SANCHA

(*Malevola.*) Foi espairecer a alegria. (*Vendo que Egas se impacienta, dirige-se para a porta e passa-lhe adeante*) Eu vou, já disse! Eu vou! (*Sae adeante de Egas.*)

SCENA IV

MENDO E RAYMUNDO

RAYMUNDO

(Rindo e apontando para o logar por onde sahiram os dois.) Primo, se enviuardes, não busqueis noiva ainda moça.

MENDO

Guardae o conselho, visto que já sois viuvo! Mas como foi a prima Sancha escolher marido tão novo?

RAYMUNDO

Já tinha perdido as esperanças, quando se lhe deparou occasião, e por isso agarrou-se ao Egas com unhas e dentes.

MENDO

E elle? Foi por sua livre vontade?...

RAYMUNDO

Não, homem! Uma vez, a côrte vinha de Evora para Santarem. Tinha anoitecido. Minha irmã, cavalgando uma hacanéa pachorrenta, adormeceu e ficou para traz. Só muito adeante deram pela sua falta na comitiva. Egas offereceu-se para ir procural-a. Quando a encontrou e já vinham juntar-se com os demais, que tinham tempo de estar em Coruche, desencadeou-se um temporal medonho que durou até de madrugada. Felizmente descobriram perto um casebre abandonado e ali passaram a noite. Que julgaes que fez depois minha irmã? Queixou-se a el-rei e á rainha, allegando que ficava infamada, que D. Egas tivera intenções ruins, tanto que se offerecera... e não sei se deu até a perceber que tomara para com ella certas liberdades.

MENDO

E tomou?...

RAYMUNDO

Não, homem! O certo é que o moço escudeiro, ponderando talvez a riqueza da noiva, resignou-se a pagar...

MENDO

O que não devia.

RAYMUNDO

Já se entende. Mas que martyr! Não pode chegar-se a uma mulher, sem que minha irmã...

MENDO

Então aquella raiva a D. Ignez?...

RAYMUNDO

Adivinhastes. De mais a mais a filha de D. Pedro de Castro, sem empregar o minimo artificio, impõe o seu encanto a quem se lhe approxima, seja homem ou mulher... encanto que irradia não só da sua formosura e gentileza, mas tambem da sua modestia e affabilidade.

MENDO

Oh! Se assim estaes captivo, que fará vosso cunhado!

RAYMUNDO

Presta-lhe, como todos, respeitosa homenagem, porém Sancha não o entende assim e dá largas aos tresloucados ciumes.

MENDO

Ao passo que quem devera arreceiar-se, talvez esteja muito socegado, ou para melhor dizer socegada.

RAYMUNDO

(Bruscamente.) Já vos disse que é uma calúnia!

MENDO

(A meia voz.) O amor do infante? Ora adeus, primo!

RAYMUNDO

(Confirmando.) Uma calúnia!

MENDO

Negaes que o snr. D. Pedro se apaixonou por D. Ignez de Castro logo que a viu entre as damas de sua mulher? Todos o perceberam.

RAYMUNDO

Os malevolos!

MENDO

Até a propria snr.^a infanta!... E eu a dizer ha pouco! . Tanto que para separal-os por meio de um parentesco espiritual, é que escolheu Ignez para madrinha. Agora percebo o que a prima...

RAYMUNDO

Vamos! Dizei com ella e com os diffamadores que se o primeiro fructo d'aquelle casamento, o infante D. Luiz, morreu aos oito dias, foi por castigo de Deus, julgando D. Pedro e D. Ignez tão maus christãos...

MENDO

(Encolhendo os hombros.) Ora! Quando a paixão é verdadeira...

RAYMUNDO

Que fosse e ambos lhe resistiriam!... Ella, porque é honesta e do melhor sangue das Hespanhas; o infante, por saber o que deve a si como principe, e por ser alma de rija tempera.

MENDO

(Confidencialmente.) Nunca se abriu comvosco, durante as caçadas, a que o acompanhaes?

RAYMUNDO

Nunca! E, ainda que o tivesse feito, eu nada vos diria, para não ser indiscreto... como quem faz certas perguntas! *(Sobe. Tendo olhado para a direita.)* El-rei! *(Fica no fundo e faz uma venia a D. Affonso IV.)*

SCENA V

OS MESMOS, IGNEZ, CONSTANÇA, AFFONSO IV,
SANCHÁ, COELHO, EGAS, UMA CUVILHEIRA,
MARTIM, UM PAGEM, DEPOIS GONÇALVES E
PACHECO.

(D. Affonso ampara Constança. A cuvilheira traz uma almofada. Entram todos da direita, excepto os dois ultimos, que virão do fundo.)

D. AFFONSO

(A Egas.) Como vês, está muito melhor a snr.^a infanta.

CONSTANÇA

(Senta-se á esquerda. Sorrindo tristemente.) Sim! Muito melhor!

AFFONSO

(Tendo-a acompanhado até á cadeira.) Que eu bem sei porque vos encostastes ao meu braço... Não foi por fraqueza, mas para que eu tivesse o gosto de vos servir. *(Um pagem, de joelhos, põe uma almofada debaixo dos pés de Constança.)*

CONSTANÇA

(Apertando a mão de D. Affonso.) Ou para ver bem junto de mim o meu segundo pae?

AFFONSO

(A Ignez, que tem aconchegado por detraz da cabeça de Constança uma almofada, provocando-lhe com isto um movimento quasi imperceptivel de repulsão.) Que dizeis a isto. D. Ignez? Eu a par de D. João Manoel, espelho de principes e guerreiros!

IGNEZ

Pois não fostes sempre eguaes no valor e galhardia?

AFFONSO

Oh! Não sabia que a lisonja é prenda vulgar em Castella.

IGNEZ

Só se lisonjear em portuguez significa falar verdade...

AFFONSO

(*A Mendo, que lhe beijou a mão.*) A que vieste á côrte? Negocios da bebetria? .. Excelente magnate! Mas estás velho!... Eu vou nos cincoenta e cinco e não me troco por ti, que não passas dos cincoenta. Sabes o que me remoça? O ter sido avô já quatro vezes. Não calculas a formosura do meu Fernando! (*A Constança*) A conservar-se, antes devera ser para menina, do que para quem ha de ter barbas na cara.

IGNEZ

Sois o primeiro avô que julga bonito de mais um seu neto. (*Entram do fundo-esquerda Pacheco e Gonçalves*).

COELHO

Quizera antes Vossa Mercê mais uma infanta, não tendo agora o snr. D. Pedro nenhum outro filho varão?

CONSTANÇA

(*Levanta-se, sobresaltada*) Mas Deus não me levará este, como levou o meu querido Luiz! (*Deita para Ignez um olhar de receio*)

AFFONSO

(*Irado, a Coelho*) Não fôras o subdito leal que és, e mandar-te-hia desterrado para o ieu solar.

COELHO

(*Muito humilde.*) Perdoae, meu senhor, mas não quiz...

D. AFFONSO

D'ora avante, mede melhor as tuas palavras. (*Constança torna a sentar-se. Ignez, que pegou na almofada para accomodar-lh'a atraz das costas, deixa-a cahir inadvertidamente. Egas levanta-a e entrega-lh'a.*)

IGNEZ

Graças, senhor escudeiro.

SANCHA

(Que não chegou a tempo de interpôr-se. Rispidamente.)
O que é de obrigação dispensa agradecimentos. *(Baixo a Egas.)* Foi para lhe apertares a mão?

EGAS

(Baixo) Foi. *(A D. Affonso)* Posso voltar para S. Domingos?

D. AFFONSO

E leva á rainha as boas novas que estás vendo. *(Indica a infanta. A Raymundo. que estava gosando Sancha, a qual sae após o marido, pelo fundo.)* Não foste á caça com meu filho?

RAYMUNDO

Era uma simples batida aos coelhos, e por isso o snr. D. Pedro...

D. AFFONSO

Guarda-te para maiores emprezas, como grande caçador que tu és. Gostas mais da caça que da guerra, pois não?

RAYMUNDO

(Aprumando-se.) Eu! Lembrae-vos de que no Salado...

PACHECO

(Approximando-se com Gonçalves, para o desfructarem.)
Tambem lá estivestes?

RAYMUNDO

Se eu!... Não tem sabor a chocarrice. Sua real mercê pode dizer se lá estive.

D. AFFONSO

E bom guerreiro te mostraste, sem todavia hombreares com os heroes d'aquelle dia... com D Pedro

Fernandes de Castro, por exemplo. (*A Ignez*) Perdoame se te reavivo a saudade, mas é que o teu chorado pae... Quantas vezes ali mediu as armas com dez inimigos ao mesmo tempo, a todos vencendo!

RAYMUNDO

E eu então?... Logo no principio da peleja, achei-me sósinho deante de um esquadrão mourisco.

GONÇALVES

E desbaratastel'o?

RAYMUNDO

Se fossem apenas trinta ou quarenta homens... Mas era tamanha a turba dos infieis, que a mais de quatrocentos e cincoenta mil fizemos ali morder a terra christã.

D. AFFONSO

(*Sorrindo.*) Nem tantos!... Porém, confesso, quando eu e el-rei de Castella avistámos da Penha do Cervo as grandes batalhas de Marrocos e Granada, entreolhámo-nos receosos. Eram tantas e tão variadas as gentes inimigas, cobrindo valles e serras, que parecia nos vinham acometter a Asia e a Africa em peso.

RAYMUNDO

Os mouros faziam-se tantos pelos encantamentos em que são mestres.

D. AFFONSO

Mas logo se viu como é bom de lei o sangue portuguez. Tendo lembrado á minha capitania que estava em nossa mão salvar a Peninsula da nova tyrannia do Crescente, todos se animaram, e, depois de adorar o Santo Lenho, que ia alçado n'uma haste como bandeira, investimos com as tropas de el-rei de Granada.

RAYMUNDO

(*Com ufania.*) Coube-me a honra de ir na frente!

CONSTANÇA

Contava meu pae que foi uma espantosa refrega.

D. AFFONSO

D. João Manoel combateu as hostes d'el-rei de Marrocos. *(Como se estivesse outra vez assistindo á batalha.)* Aos gritos e alaridos atreadores, juntava-se o clangor das trombetas e anafis e o sussurro dos atabales. O sangue espadanava a jorros tingindo espadas, lanças e arnezes e alastrando-se pelo chão. Mas eram tantos os inimigos, que as forças iam a faltar-nos. Invocando o soccorro divino, procuro com os olhos a reliquia da cruz... Desapparecera!

RAYMUNDO

Sumira-se, entre os mouros, o clerigo que lhe servia de alferes.

D. AFFONSO

Mas o Prior do Crato manda-a buscar por tres dos seus cavalleiros...

RAYMUNDO

(Atalhando) Quatro, com perdão de Vossa Mercê! Eu tambem fui! É para abrimos caminho pelos trôços de Granada? As nossas lanças, topando em cheio nos escudos, derribavam os cavalleiros inimigos, fazendo-lhes cuspir as almas no caldeirão de Belzebuth.

COELHO

(Com encapotada malicia.) Não foi então que degolastes um mouro?

RAYMUNDO

(Sem desconfiar.) Justamente, e não era o primeiro. *(Animando-se gradualmente.)* O alfange do excomungado cruzou-se com a minha fiel toledana, e, não sei por que artes, veiu morder-me a cervilheira, não conseguindo rompê-la. Ardendo em colera, descarreguei-lhe uma d'aquellas cutiladas que mais ninguem sabe dar, e a cabeça do perro maldito, decepada do tronco, foi resaltando por cima da malta agarena, como pedra arremessada por uma funda!

D. AFFONSO

Bem! Por hoje basta de fallar em guerras. *(Os ouvintes desviam-se, sorrindo.)*

CONSTANÇA

Para que se não contem os vossos feitos n'aquelle dia?

IGNEZ

Nem a bizzarria com que engeitastes o vosso quinhão dos thesouros conquistados?

D. AFFONSO

Jurastes ambas fazer-me córar!.. Pois é outro o motivo. (A Constança.) Como já descançastes, vinde completar a cura.

CONSTANÇA

De que modo? (Sancha entra do fundo.)

D. AFFONSO

Gosando a linda vista e o bom ar, no cimo dos muros da Alcaçova. São dois passos. Estive ainda agora, tempos esquecidos, olhando para além das atalayas e barbancas. Soberbo panorama! Espelhando o azul immaculado, o Tejo corria, lá em baixo, cruzado de embarcações, e alongando, a perder de vista, a sua fita prateada. E que halito saudavel ascendia das campinas! Senti-me remoçar. Acompanhae-me e sabereis que valho mais que o meu physico, com todas as suas drogas.

CONSTANÇA

(Levanta-se com certo esforço, que procura occultar.) Vamos!

D. AFFONSO

Até já podieis galgar á torre de Bufo, a mais alta de Santarem.

CONSTANÇA

(Sorrindo.) Ou á torre Albarrã, o que fôra de mais proveito.

D. AFFONSO

(Risonho.) Cubiçaes o ouro e a prata do meu erario?!

IGNEZ

Como pesam tanto que a pobre torre ameaça desa-

bar, podiam os sobejos, nas mãos da snr.^a infanta, converter-se em benções e sorrisos.

CONSTANÇA

(Amparada ao braço de Affonso.) Vossa mãe D. Isabel é que tornava o ouro em rosas e as rosas em ouro. Hoje o tempo já não está para santidades. *(Deita um olhar rapido a Ignez.)*

D. AFFONSO

E' que não vos conheceis. Mas vamos, que tenho conselho e pouco tempo vos acompanharei. *(A Pacheco, Gonçalves e Coelho.)* Podeis esperar-me aqui. *(Sae pelo fundo-esquerda, com Constança, Ignez, cuvilheira e Martim.)*

SANCHA

(Baixo, a Raymundo.) Ouvistes? Tambem não julga santa a vossa Ignez Pires! Quem a visse fora da cõrte! *(Sae pelo fundo.)*

RAYMUNDO

(Sem fazer caso, a Mendo, com quem esteve fallando.) Já que insistis, vejamos se é agora possivel fallar a el-rei n'esse negocio. *(Quando sobe, vê que Pacheco, Gonçalves e Coelho o olham, e sorri com arrogancia.)* Quando quizerdes, mostrar-vos-hei que os fios da minha espada talham tão bem o corpo de um christão, como o arcabouço de um serraceno! *(Sae pelo fundo-esquerda, com o primo.)*

SCENA VI

— — —

PACHECO, GONÇALVES E COELHO

GONÇALVES

(Rindo.) Teem pilhas de graça os féros de D. Raymundo.

PACHECO

(Que se tem sentado, pensativo.) Quem me dera ser adinho!

GONÇALVES

Adivinho, o nobre senhor de Ferreiral... Para quê?

PACHECO

Para saber a influencia que terá certa dama nos destinos de Portugal.

GONÇALVES

Que dama?

PACHECO

Dil-o-ha Pêro Coelho, se já lhe passou a magoa da reprimenda régia.

COELHO

(Suspirando.) Triste officio o de cortezão!

PACHECO

Para quem, como nós, o não torna lucrativo.

GONÇALVES

(Que pensou.) Já sei! *(Baixo.)* Alludieis a Igenez de Castro?

PACHECO

Sim, alludia. Pois não reparastes, snr. meirinho mór, na frieza que lhe mostrou a snr.^a infanta?

GONÇALVES

Algum enredo...

PACHECO

Temerá que, durante a sua doença, tenha augmentado a predileção do marido pela gentil Collo de Garça, e, como adivinha o perigo, pelo que viu em Castella...

COELHO

Se ninguem ousou castigar Leonor de Guzman, emquanto durou o seu funesto predominio! Venham falar-me na energia castelhana!

PACHECO

Pois que haviam de fazer-lhe?

COELHO

Antes que, por causa da arrogante favorita, se arrancasse da bainha a primeira espada, tivesse-lhe arrancado a vida o gume de um cutello ou a ponta de um punhal.

PACHECO

Quem vos poz tão sanguinario? As bravatas de D. Raymundo?

COELHO

Para salvar uma nação, sacrificam-se milhares de vidas no campo da batalha.

PACHECO

E' caso differente. Mas contra a Guzman havia outros meios... a prisão... o exilio...

COELHO

Da prisão pode sahir-se, do exilio pode voltar-se: da morte ainda ninguem voltou.

GONÇALVES

Tambem me parece. Quando se corta o mal, deve ser pela raiz.

PACHECO

A'page! Deus me livrasse de estar na pelle da Guzman, se governasseis o reino vizinho! Podia recommençar a paixão de D. Affonso XI e tornar-se opportuno o vosso remedio!

SCENA VII

OS MESMOS, D. AFFONSO, RAYMUNDO
MENDO E MARTIM

D. AFFONSO

(Do fundo-esquerda, seguido pelos demais, a Mendo.)
Acho-te rasão, pelo que dizes. Não seria esse o primeiro rico-homem, que se arroga direitos e foros não contidos na doação. Ha dois annos ainda que foram as ultimas inquirições e já recomeçam os abusos! Eu lhes porei cõbro. *(Aos tres que ficaram.)* Vou para o conselho. Devem estar á minha espera o chanceller mór e o resto da curia. *(Sae pelo fundo direita.)*

MENDO

(Que ficou em scena com Raymundo.) Mil graças, primo Raymundo.

RAYMUNDO

Dae-as a el-rei, que faz sempre justiça a quem a merece, quer seja fidalgo, quer seja villão. Mas ide para junto da sala da curia. Talvez queiram fazer-vos mais perguntas. *(Tendo subido, volta-se para o fundo-esquerda.)* Oh! Que foi isto?

SCENA VIII.

RAYMUNDO, CONSTANÇA, IGNEZ, SANCHÁ
CUVILHEIRA E MARTIM

MARTIM

Snr.^a infanta, quereis que vá chamar o physico d'el-rei?

CONSTANÇA

(Que entra pelo fundo, amparando-se a Ignez e Sancha, muito mais fraca e com voz sumida.) Não! não! Já estou melhor. *(Vendo que é a Ignez que se ampara, larga-*

lhe o braço.) Não vos molesteis, Ignez. Deitando-me, ficarei boa... É que senti frio. *(Atravessando. Comsigo.)* Jesus! Cuidei que eram as ancias da morte! *(Sae com Sancha. Ignez segue-a, afflicta.)*

RAYMUNDO

(Comsigo.) Disfarça o mal para que ninguem se afflija!

MARTIM

(Que subiu ao fundo e olhou para fora, desce.) Eis que chega o snr. infante. Vem entrando a porta da Alcaçova.

RAYMUNDO

(Subindo.) Sim?... Vou dizer-lhe que sua esposa...

MARTIM

(Seguindo-o.) É a el-rei? Não devo tambem prevenir?

RAYMUNDO

Como a snr.^a infanta disse aquillo... Perguntae-o a D. Ignez de Castro. *(Sae pelo fundo-esquerda.)*

SCENA IX

MARTIM, DEPOIS IGNEZ

MARTIM

(Comsigo mesmo.) A D. Ignez... Outra coisa desejara eu perguntar-lhe... Ria-se de mim! Dizem que tem havido pagens amados pelas princezas e castelãs... Pois a mim ninguem ama. E estou a fazer quinze annos!... *(Desanimado.)* Posso perder as esperanças! Ah! Que se não fôra o snr. infante!... Mas elle é casado! *(Dirige-se para a porta da direita, e, encontrando-se com Ignez, recua timidamente.)* Ah!

IGNEZ

Que tendes? *(Olha para traz.)*

MARTIM

Snr.^a D. Ignez de Castro, permittis que eu?...

IGNEZ

Mas que quereis?

MARTIM

Eu queria... isto é.. desejava... *(Apontando para a direita, e como para sahir do embaraço.)* Devo prevenir el-rei de que a snr.^a?..

IGNEZ

Não! A snr.^a infanta está descançando e como tinha prohibido...

MARTIM

Então não digo nada. *(Comsigo)* Perdi a ultima esperança. *(Sae pelo fundo.)*

SCENA X

IGNEZ, DEPOIS PEDRO, RAYMUNDO, DOIS
CORTEZÃOS, DEPOIS SANCHÁ

IGNEZ

(Só, olhando para a porta da direita) Nem já disfarça a repugnancia que lhe inspiro. Agora mesmo, os olhos iam-se-lhe fechando somnolentos e ainda me fitavam com aversão. Mas eu mereço isto, eu que procuro de todos os modos fugir a este fatal amôr? Podia merecel-o menos! *(Resoluta.)* Mas hei de ter força para cumprir o que o dever... *(Volta-se para o fundo ao sentir bulha)* O infante... Se eu pudesse fallar-lhe...

PEDRO

(Entra do fundo-esquerda, seguido das outras personagens.) A snr.^a infanta peorou?

IGNEZ

Foi do passeio pelas muralhas .. O tempo esfriou de repente...

PEDRO

(Atravessando promptamente para a porta da direita.)
Está mal?

IGNEZ

(Detendo-o.) Perdoae. Acaba de adormecer.

PEDRO

(Aos que entraram com elle.) Podeis retirar-vos. *(Os tres sahem pelo fundo-direita. Não tarda que se resta-beleça. (Senta-se á esquerda, ainda preocupado.)*

IGNEZ

Esperemol-o em Deus! *(Olha para ella, hesita no que vae fazer, mas decide-se afinal. Comsigo.)* Seja! *(Alto.)* Snr. infante, permittis que vos falle com inteira fran-queza?

PEDRO

(Voltando-se, surprehendido.) De certo.

IGNEZ

O remedio de todo aquelle mal está na vossa mão. Não é o seu corpo que mais padece, é a sua alma.

PEDRO

(Levantando-se de golpe.) Quê!

IGNEZ

Tormento horrivel: amar e não ser amada.

PEDRO

(Com desabrimento) Calae-vos!

IGNEZ

(Seguindo-o um pouco.) E a consciencia manda-me que falle. *(Continuando.)* Depois de ter sido tão infeliz,

ella que parecia fadada para todas as venturas, julgou que Deus ia compensar-lhe com as alegrias do amor conjugal os martyrios do passado...

PEDRO

(Interrompendo-a.) Que sabeis de tudo isso? Foi Constança que vos mandou? Confiou-vos as suas queixas? Queixas de amor ou de orgulho?

IGNEZ

Tão mal a conheceis!

PEDRO

Aprecio-lhe a bondade e nobreza, mas que mulher se não torna injusta e implacavel, julgando-se atraída!

IGNEZ

Enganaes-vos, senhor. Não foi ella...

PEDRO

Sim... Accusar-me-ha de perjuro... O que nos liga? O amor ou a razão de Estado? Casaram-nos como principes. Aos nove annos, já me tinham desposado com Branca de Castella. Pequenininha, veio para junto de minha mãe esperar a idade núbil. Foi a minha companheira de brinquedos... como que outra irmã, mas a minha esposa!... Afinal cahiu doente. Estava hectica, paralytica. Não assegurava a continuação da dynastia, juraram os physicos. Foi posta de parte. Implorrei que não me casassem contra vontade. Tudo inutil! D. Branca voltou para Castella, desposaram-me com D. Constança... E o culpado sou eu... sou até um criminoso!

IGNEZ

Mas a vossa esposa adora-vos!

PEDRO

Basta! Pois não vêdes que só a muito custo refreio as palavras, que me sobem do coração aos labios em torrente impetuosa? Que, atravez de quanto vos tenho dito, mal vislumbra ainda o sentimento que já quasi não posso occultar!

IGNEZ

(Tremula, indicando a porta da direita.) Só deveis pensar na desventurada que além está, erma de affectos, minada lentamente pela dôr.

PEDRO

Pois ha destino mais funesto do que o seu. Olhasse em redor de si e descobril-o-hia.

IGNEZ

(Pretendendo esquivar-se.) Senhor infante, eu vou...

PEDRO

Escutae e não tornareis a fallar-me no que ella padece. Supplicio infernal é sentir um amor subhumano, cheio de arroubamentos e delicias, tamanho que só por milagre pode caber n'um coração... e ter de reprimil-o, de expulsal-o inexoravelmente.

IGNEZ

(Que o escutou mau grado seu, querendo esquivar-se.) Senhor!...

PEDRO

(Quasi em segredo.) E o que é mais terrivel ainda? Ser obrigado ao sacrificio, não tanto pelas razões do alheio interesse, como pelo receio de macular com essa confissão, que nos adeja nos labios tremulos, a pureza da mulher que idolatramos e que nos arrebatá pela sua maravilhosa formosura, pelo seu espirito angelical. O verdadeiro tormento é isto!

IGNEZ

(Tremula.) E porque não renunciaes ao impossivel?

PEDRO

Quem pode dizer ao coração, que ama perdidamente, não ames, isto é, não pulses, não vivas? Nem tu m'o aconselhas!

IGNEZ

Senhor, deixae-me! A snr.^a infanta não nos merece isto.

PEDRO

E eu a dizer que tinha sido ella... (*Sancha apparece á porta da direita e fica escutando*) Não! Não foi Constança que te mandou... Não faria a insânia de te aproximar de mim, o que era dar voz ao amor, que tu e eu temos calado tanto tempo... Não foi ella, foste tu mesma! Obedecestes inconsciente á fascinação mysteriosa, que nos impelle para o abysmo attonitos, rendidos. E que abysmo tão profundo como este amor, que me enleva quando te ouço, quando te vejo, mas que me faz estuar no cerebro o desespero e a loucura, mal penso que nunca serás minha? (*Sancha tem mostrado alegria malevola, e, tomando uma resolução violenta, desapparece, recuando.*)

IGNEZ

Deixae-me pelas chagas de Christo! Quereis tambem que eu enlouqueça?

PEDRO

Vieste provocar esta confissão e havias agora de...

IGNEZ

Vim fallar-vos para o bem da vossa esposa!

PEDRO

A minha esposa és tu, porque é a ti que eu amo. (*Gesto de Ignez protestando.*) E tu tambem me amas! Amas, sim! Sabia-o, mas fingia ignoral-o, e fugia de ti e queria até, mas de balde, encobrir de todos esta paixão. Sabes porquê? Para te livrar dos perigos que já não receio, agora que te revelei o meu amor e que posso defender-te.

IGNEZ

(*Decidida, recobrando coragem.*) Snr. infante, pela minha, pela vossa honra!... (*Impondo-lhe silencio.*) Se proseguis, vou dizer tudo a el-rei, para que me expulsem de Portugal e nunca mais me torneis a ver!

PEDRO

Separarem-nos!... (*Ignez faz um gesto de receio.*)
 Não! Socega. Deixo-te, para não ficar louco de todo.
 Invocaste a minha honra (*Constança assoma á porta da
 direita e fica, anciada e anhelante a escutar amparada á
 humbreira*) pois pela minha honra de príncipe e fidalgo
 portuguez te juro que, sejam quaes forem os obstaculo
 que se erguerem entre nós, serás tu sempre o meu
 amor, o meu unico amor! (*Constança leva a mão ao co-
 ração, Pedro agarra de subito a mão de Ignez e beija-
 lh'a.*) Adeus! (*Sae correndo pelo fundo-esquerda. Con-
 stança recua e esconde-se.*)

IGNEZ

(*Descendo.*) E' o ceo que se abriu ante os meus olhos,
 ou o inferno que ameaça tragar-me?

SCENA XI

IGNEZ E CONSTANÇA

CONSTANÇA

(*Entra da direita, percorre um terço da scena e ampa-
 ra-se a um movel.*) Era então verdade!

IGNEZ

(*Recuando.*) A snr.^a infanta!

CONSTANÇA

(*Sarcastica.*) «Está muito mal, não pode vir surpre-
 hender-nos», e, segura a meu respeito, escutavas com-
 padecida as phrases apaixonadas de meu marido. Ac-
 ção de mulher honrada!

IGNEZ

(*A meia voz.*) Mas não sabeis...

CONSTANÇA

Sei que a injuria mais atroz, és tu que m'a fazes,

tu a minha parenta, a minha amiga, a minha conterranea... tu que me seguiste a um paiz estrangeiro, para que, nas horas em que me fosse mais cruel a saudade, vendo-te e ouvindo-te, eu sentisse ao pé de mim a patria distante. Bem hajas, Ignez de Castro, por todo o bem que me fazes! (*Pára, arquejante.*)

IGNEZ

Crêde que não sou tão culpada...

CONSTANÇA

Pois é culpa dessedentar um coração ávido de amor! Mas fizeste-me sympathica, digna de lastima. Quando eu passar, dirão baixinho «Coitada! Que pobreza de encantos! Por isso o marido... E então a rival é Collo de Garça a perola das Hespanhas!» (*Vendo que Ignez quer fallar.*) Cala-te! Ah! Eu bem quizera rir, mas não posso... Tu é que rirás desvanecida com a victoria, sem te lembrares do que... Não! Não me queixo! Só te mostro a tua infamia!

IGNEZ

A morte seria castigo menos cruel.

CONSTANÇA

Teme o castigo quem poz tão alto a ambição! Viste em Castella o exemplo da Guzman, e renovas em Portugal as façanhas da tôrpe aventureira.

IGNEZ

(*Tartamudeando, a principio.*) Snr.^a D. Constança Manoel, não é generoso, não é digno o que fazeis. Essas palavras, dictou-as a amargura, o desespero, mas fosse eu outra... e talvez me arrastasseis com ellas aos desvarios que julgaes praticados.

CONSTANÇA

Depois do crime, a hypocrisia.

IGNEZ

Para ser ainda mais franca, só repetindo as phrases que escutei a vosso esposo — eis a minha unica falta

— e que certamente não ouvistes.. pois serieis menos severa para quem resistiu a semelhante fascinação!

CONSTANÇA

E atreves-te!...

IGNEZ

Seria mais franca, se vos dissesse como elle julga menos sagradas as uniões feitas para o bem de um throno do que os enlaces decretados pelos corações. *(Constança desvia-se com repugnancia. Ignez segue-a.)* A sua voz, repassada de paixão, ia-me cahindo no ouvido, e eu já me sentia resvalar para abysmos ignotos, onde talvez exista a culpa, mas de onde me chamava um fatal encanto... que ha muito me persegue mas que ainda me não venceu.

CONSTANÇA

Confessas! E não pensaste, desgraçada, que os laços religiosos, com que te prenda ao infante, tornam sacrilego esse amor!

IGNEZ

Pensar! Aquella obsessão pungente e deliciosa ia augmentando sempre. Era como se, rasgado o veo azul dos ceos, eu encarasse o throno fulgurante do Omnipotente!

CONSTANÇA

(Com maior dôr que indignação.) E é a mim que vens confessal-o!

IGNEZ

Sim, tendes razão, perdoae! Enlouquecem-me, e eu então não sei o que digo, nem o que faço... *(Beija-lhe a mão furtivamente.)* Perdoae-me!

CONSTANÇA

(Ergue-se, ao contacto de Ignez.) Vae-te! Esse beijo lembrou-me o que meu marido...

IGNEZ

Oh! Snr.^a infanta, pelo amor de vossos filhos! Pois vós, sempre boa e compassiva...

CONSTANÇA

(Que tornou a sentar-se, muito abatida.) Por isso mesmo sou tão desgraçada. *(Fecha os olhos, vencida pela fraqueza.)*

IGNEZ

Pude juntar mais uma dôr a tantas... Infame! Infame! *(Chora.)*

CONSTANÇA

(Reabrindo os olhos e mirando-a.) Choras! Quem se chega para mim tem certa a desventura.

IGNEZ

Choro pelo mal que vos fiz! Choro porque não me acreditaes... Haveis de acreditar-me! O que disse ao sar. infante, vou fazel-o já... Voltarei para Castella e nunca mais...

CONSTANÇA

(Olhando-a com repulsão e por fim com meiguice.) Sim... acredito-te.. És ainda a mesma... não praticaste a vilieza de atraçoar-me... Ambas somos victimas da fatalidade!

IGNEZ

(Ajoelhando e beijando-lhe as mãos.) Sereis feliz!... O sar. infante aprecia as vossas virtudes!

CONSTANÇA

(Abanando a cabeça tristemente) Mas não me ama! O seu unico amor és tu. Bem lhe ouvi o juramento. Desde que te viu, ficou-te pertencendo Ainda bem que vou morrer!

IGNEZ

Oh! Não!

CONSTANÇA

Sim, vou morrer... Presentia-o, mas disfarçava, para que ninguem se affligisse... *(Baixinho.)* Iгнеz, tu é que podes fazel-o feliz!

IGNEZ

(Supplicando-lhe que se cale.) Senhora n.inha!

CONSTANÇA

(Insistindo.) Pedro tem um genio feroso, terrivel... Tu conseguirás abrandal-o, para que só appareça o que ha de bom e grande no seu character!

IGNEZ

Vós, senhora, vós é que . .

CONSTANÇA

O amor, só o amor! *(Insistindo.)* Podes fazel-o feliz!

IGNEZ

(Arredando-se e contorcendo as mãos) Antes a vossa ira do que essa compaixão!...

CONSTANÇA

(Erguendo-se um pouco para o lado de Ignez, amparada ao braço da cadeira.) Pois não vês que perdi o que é mesquinho na essencia humana? Se já nem tenho ciu-me! Olha que os pedidos dos moribundos devem cumprir-se. *(A custo, baixinho)* Ama-o! *(Com o esforço que fez, cae prostrada na cadeira. Torna a fechar os olhos e descae a cabeça no espaldar.)*

IGNEZ

(Que se debulhava em pranto, no lado opposto do pros-cenio, cae de joelhos e de joelhos se aproxima de Constança.) Santa que vós sois! Perdão! Perdão! *(Encara-a, levanta-se rapidamente e observa-a de mais perto.)* Des-maiada!... Acudi! Acudi todos! A snr.^a infanta des-maiou!... *(De mãos erguidas.)* Oh! Deus do ceo, dá-lhe o amor de Pedro e mata-me! Ella merece-o muito mais do que eu! *(Entram, de lados differentes, cuvilheiras, Sancha, Martim e servidores do palacio. Desce o panno.)*

FIM DO 1.^o ACTO

ACTO II

A Fonte dos Amores. Chão assombrado de arvoredos alto e cerrado. Um rego de agua atravessa o fundo da scena, a pouca altura, partindo da bacia da fonte, no meio. Bancos de relva, sendo um na esquerda, coberto por uma especie de caramanchão natural. Entradas pelos dois lados, e por entre o arvoredos baixo do fundo, á direita da fonte. Folhas cahidas pelo chão. Algumas arvores despidas de folhas. A acção suppõe-se n'um dos primeiros dias de janeiro de 1355.

SCENA I

ALDONÇA, EGAS, D. JOÃO, D. DINIZ E D. BEATRIZ

(Os tres pequenitos brincam no fundo, correndo, saltando, fazendo os dois mais novos corrupio um com o outro. Aldonça trabalha n'um lavor, sentada n'um dos bancos. Egas compõe uma bêsta e experimenta-a de vez em quando.)

ALDONÇA

Não sei como trocaste por este o serviço da rainha. Com o snr. infante andaes sempre em jornadas e montarias, e viveis separado de vossa esposa.

EGAS

Mas foi para isso mesmo... quero dizer, para ter vida mais agitada, que pedi a mudança. E vós? Também podieis estar na côrte, e viestes para esta solidão, com a snr.^a D. Ignez de Castro!

ALDONÇA

(Levanta os olhos para os pequenitos.) Cautella que podeis cahir, snr. D. Diniz.

D. João

Não te afflijas, Aldonça. Eu tomo cuidado nos manhos.

ALDONÇA

E quem cuida no meu sr. D. João? (*Este amua-se e vae outra vez brincar com os irmãos.*) Crêde que até gostei de vir com a minha senhora, quando o snr. D. Pedro, já lá vão oito annos, a tirou da côrte e veiu escondel-a aqui.

EGAS

Pouco tinheis vivido no paço.

ALDONÇA

A snr.^a D. Brites tomou-me logo depois da morte de meu irmão. Lembraes-vos do Martim?

EGAS

Muito! Sois o retrato vivo do gentil pagem.

ALDONÇA

Pois nos quatro mezes que estive com a rainha, a snr.^a D. Ignez, que era sua dama desde a morte da snr.^a D. Constança, mostrou-se tão minha amiga que quasi me fez passar as saudades de minha mãe.

EGAS

Queria pagar-vos o amor que Martim lhe consagrou em silencio.

ALDONÇA

Não, que só lh'o revelei depois de ter vindo com ella para o paço de Santa Clara. Pobre irmãozinho! Estou a vel-o tornar-nos para casa minado pela doença de peito!... E quando a vida estava prestes a fugir-lhe, e eu, sentada a seu lado, lhe enxugava a suor frio do rosto quasi transparente, ainda elle murmurava o nome de Ignez. (*Tristemente.*) Morreu de amor!

EGAS

Sabeis quando o mal fez progressos mais rapidos?... Desde que o snr. infante, mitigada a sincera pena que

lhe causou a morte de sua esposa, obedeceu á antiga paixão e...

ALDONÇA

(Vendo que D. João deixou os irmãos a brincar e veio esculal-os.) Cautella!

D. JOÃO

Em que falavas?

ALDONÇA

Assim cumpris as recommendações da senhora vossa mãe? *(Ameaçando-o com o dedo.)* Essa pergunta!... *(Ri.)*

D. JOÃO

A minha mãe pode recomendar-me o que quizer, tu é que não. Queres-te egualar á snr.^a D. Ignez de Castro?

ALDONÇA

Tão confiada me julgaes! Mil graças!

D. JOÃO

(Saltando-lhe para o collo e ameigando-a.) Eu gosto muito da minha Aldonça... *(Baixo, mas de maneira que seja ouvido por Egas.)* Mas não era commigo o que elle dizia? ..

EGAS

(Rindo.) Oh! Se era! *(Olhando para os pequenitos. A'parte.)* Não tivesse havido o que eu ia contar e nenhum d'elles estaria n'este mundo.

D. JOÃO

Fazeis segredo? Pois já não quero saber. *(Volta para junto dos irmãos. Entram pela direita Raymundo e Mendo.)*

EGAS

(A D. João, mostrando a bêsta e designando Aldonça.) Quereis que a mate? Já compuz a bêsta e posso...

SCENA II

OS MESMOS, RAYMUNDO E MENDO

RAYMUNDO

Que é isso, cunhado! Mau caçador me sahis, apesar das minhas lições! Não se matam pombas a tiros de bésta! *(Baixo.)* E olhae que é D. Aldonça, não é a vossa mulher. *(Alto, a Mendo.)* Bem vos disse eu que o acharíamos aqui.

MENDO

(Tendo cumprimentado Aldonça. A Egas.) Snr. primo!...

RAYMUNDO

N'este sitio aprazível nos perdemos todos nós, habitantes do paço de Santa Clara, quando as obrigações nol-o permitem e aqui não estão o snr. infante e a snr.^a D. Ignez.

EGAS

Que muito prezam este arvoredado e aquella fonte.

RAYMUNDO

Consentis, D. Aldonça Gomes, que meu primo beije os formosos filhinhos do snr. D. Pedro? *(Aldonça aquiesce, por um gesto.)*

MENDO

E é que são lindos todos tres!

D. João

E o mais bonito? Não sou eu?

ALDONÇA

Que presumpção!

D. João

O mano Affonso ainda o era mais, dizem, mas como já morreu... *(A Mendo, que acaba de beijar os outros)*

dois meninos, estendendo-lhe a mão para beijar, e pondo-se nos bicos dos pés.) Beija, que tenho mais que fazer! *(Vendo-o curvar-se.)* Sempre és muito alto!

ALDONÇA

Ou o sr. D. João muito baixinho?

D. JOÃO

Estou quasi um homem! Mas vamos brincar para outra parte. D'aquí já estou aborrecido.

ALDONÇA

(Dispondo-se para sahir.) Um homem e ainda brinca! *(Cumprimenta os que ficam.)*

D. JOÃO

(Dando a mão a Beatriz e dirigindo-se com ella, todo a requebrar-se, para a esquerda alta.) Eu finjo o snr. infante, tu a nossa mãe. *(A Aldonça.)* Pareço ou não pareço um homem? *(Saem os dois, seguidos por Aldonça e Diniz, que desata a correr, á sahida.)*

SCENA III

EGAS, RAYMUNDO E MENDO

MENDO

(Seguindo os pequenitos com a vista.) Os filhos de D. Inez de Castro! Não vos lembraes, primo, de como, ha uns bons nove annos, vos agastastes commigo em Santarem?

RAYMUNDO

Sim. Foi na vespera da morte da snr.^a infanta. Agastei-me porque daveis como já feito o que só existia na imaginação dos maldizentes.

MENDO

(Sorrindo maliciosamente.) Serio?...

RAYMUNDO

Acho singular que o pergunteis a mim, e deante de meu cunhado, ambos familiares do snr. D. Pedro! E olhae que este logar é dependencia do paço de Santa Clara, sua residencia actual!

MENDO

Bem sei. Mas longe de mim o querer offender a vosso amo!

RAYMUNDO

E' que a vontade manda-vos uma coisa e a lingua faz outra.

MENDO

Nem tão pouco desejo molestar-vos. Se venho pedir-vos um favor! ..

RAYMUNDO

(Zombeteiro.) D'aquella vez em Santarem ieis tambem pedir-me...

MENDO

E fizestes-me uma grande fineza!... Mas estou perdoado?

RAYMUNDO

(Rapidamente.) Sim, homem! O que desejaes?

MENDO

Venho de Montemór, onde julgava achar el-rei e onde só estava a rainha. Sabendo que o snr. D. Affonso está em Coimbra, e tendo-vos aqui tão perto, recorro aos vossos bons officios. *(A Egas.)* Em Montemór fallei á prima Sancha. Espera visitar-vos um d'estes dias.

RAYMUNDO

Bonito! *(Designando Mendo a Egas.)* Começa agora comvosco!

MENDO

(A Egas.) Est aes desavindos?

RAYMUNDO

Elle e Sancha? Pelo contrario! *(A Egas, gracejando.)* Pois não me explicareis afinal este mysterio? Como podestes transformal-a.? *(Vendo que Mendo está cheio de curiosidade.)* Vamos, que são agora tres os curiosos: *(Indicando-se.)* um e *(Indicando Mendo.)* dois, tres!

MENDO

Mas não achei a prima Sancha muito mudada...

RAYMUNDO

A mudança é no moral. *(Indicando Egas.)* Deixou-o passar para o serviço do snr. infante... viver longe d'ella!

MENDO

Como o sr. D. Pedro vae muito á corte...

RAYMUNDO

Pouquissimo. *(A Egas.)* Destes-lhe feitiços, para a curar dos ciumes?

EGAS

Sancha respeitou a decisão do herdeiro da corôa.

RAYMUNDO

Ora o sonsinho! .. *(A Mendo.)* A instancias minhas, e por compaixão do que elle padecia, é que o snr. D. Pedro o tomou para sua casa; mas quando eu esperava que minha irmã .. Nem sequer protestou!...

EGAS

(Que se approximou da fonte. Voltando-se.) E onde podia eu estar mais ao abrigo de tentações? Ella bem sabe que o snr. infante me castigaria severamente...

RAYMUNDO

Se o peccado fosse commettido aqui... mas Coimbra está ali mesmo, do outro lado do Mondego, a as suas filhas... Vamos! Explicae-nos o mysterio!

EGAS

Olhae que eu tomo na bocca um bochecho d'aquella agua, e só quando me deixardes quieto...

RAYMUNDO

Mau remedio! O amor é chocalheiro e como essa fonte já é chamada dos amores...

MENDO

(*Mirando tudo com curiosidade.*) Ah! Foi aqui?...

RAYMUNDO

Quantas missivas apaixonadas não passaram, em barquinhos de cortiça, ao longo d'este aqueducto! ..

EGAS

(*Explicando a Mendo.*) Estava a côrte no palacio de Santa Clara, e como o snr. infante, já viuvo, nem sempre podia fallar á snr.^a D. Ignez, que era então dama da rainha...

MENDO

Servia-se d'aquelle meio. Já tinha ouvido contar. (*Confidencialmente, puxando para si os dois.*) Sabeis tambem o que me consta? Ainda hontem m'o disseram em Montemór. Que o viver actual do snr. D. Pedro excita o maior descontentamento nos conselheiros d'el-rei e no proprio snr. D. Affonso... não só por ser um tanto... reprehensivel, mas pelo temor de que os Castros, adquirindo predominio...

RAYMUNDO

(*De mãos atraz das costas e encarando-o bem.*) Primo, lá vae uma historia do snr. infante. Em palacio havia uma pêga, que um gerifalta apanhou nos ares e trouxe viva á minha mão. Era bem bonita, mas n'este particular... (*Indica a lingua.*) palrava, palrava, palrava! Um dia o snr. D. Pedro acorda com dôres de cabeça, zanga-se com a pêga, manda-a calar, e como não é logo odedecido, faz isto! (*Fecha a mão rapidamente e com força. Lamentoso.*) Ora o pescoço do animal estava entre os dedos e a palma da mão de meu

amo, e por isso a pêga nunca mais palrou! (*Vira-lhe as costas e afasta-se d'elle, triumphante.*)

EGAS

(*Comsigo, rindo-se á socapa.*) Bem inventada!

MENDO

(*Engulindo em secco e apalpando as guelias.*) Obrigado, primo!

EGAS

(*Olhando para a direita.*) Ahi vem a snr.^a D. Ignez com seu irmão D. Alvaro Pires de Castro, chegado hontem de Castella.

RAYMUNDO

(*Levando comsigo Mendo para a direita.*) Nada de importunal-os. (*Baixo.*) Vêde como a felicidade lhe realçou a formosura! (*Os tres fazem uma reverencia a Ignez, que entra da direita.*)

SCENA IV

OS MESMOS, IGNEZ E ALVARO

IGNEZ

(*Tendo-lhes correspondido com affabilidade e despretenção. A Raymundo.*) Vistes por aqui os meus filhos?

RAYMUNDO

(*Indicando a esquerda.*) Foram para aquelle lado, com a sua aia. Quereis que vá chamal-os?

IGNEZ

Não! Não é preciso. (*Raymundo cumprimenta e sae com Egas e Mendo, pela direita.*)

SCENA V

IGNEZ E ALVARO

ALVARO

(Sentando-se n'um banco, á direita.) Que vos parece o que eu vinha dizendo?

IGNEZ

Um puro sonho. . . um sonho de ambição.

ALVARO

E eu affirmo que pode ser amanhã uma realidade esplendida. Se tivesses agora estado como eu em Castella, verieis a grande impopularidade d'elrei D. Pedro, tão detestado pela sua falta de palavra, como pelas barbaridades inauditas, que já lhe grangearam o cognome de «cruel».

IGNEZ

(Apavorada.) Bastava a morte horrivel de Leonor de Guzman.

ALVARO

D'essa primeira atrocidade vamos lá, é sua mãe a principal responsavel.

IGNEZ

Tinha padecido resignada tantos annos, por causa de Leonor! .

ALVARO

Desculpae a D. Maria, que é irmã do infante, mas crêde que já não é a mesma d'outrora.

IGNEZ

Que mulher se conservará sempre boa, depois de mil amarguras e traições? As santas estão no ceo. Conheci uma, que lá está, mas essa perdoou-me... Minha boa Constança!

ALVARO

Não vos compareis com a Guzman, origem de tantos males! Mas desastrado que eu fui. Lançar uma sombra na vossa alegria.

IGNEZ

Quantas vezes eu penso n'isto!... *(Como fallando consigo mesma.)* Ella perdoou-me... Deus me não castigae!

ALVARO

Fallaes em castigo sendo tão ditosa!... D. Pedro ama-vos.

IGNEZ

O mais que se pode amar!

ALVARO

E descreis do perdão divino!...

IGNEZ

Eu sei! . . .

ALVARO

Ah! Comprehando. Mas o infante pode remediar tudo, uma vez desligado do parentesco espiritual pela dispensa pontificia.

IGNEZ

(Que deu a entender que Alvaro não a percebera.) E eu devo porventura acceitar?

ALVARO

De certo! Se o vosso brazão e o meu teem a aspa da illegitimidade, qual é a casa real da Peninsula isenta de bastardia?

IGNEZ

Não me entendestes! Deus me livre de afastar mais ainda o infante de seus paes. Era tão minha amiga a rainha!

ALVARO

O que ella deseja acima de tudo é a felicidade de seu filho.

IGNEZ

Mas não á custa do desespero de seu marido.

ALVARO

Desespero! Porquê? D. Pedro Fernandes de Castro, nosso illustre pae, era neto d'el-rei D. Sancho o Bravo!

IGNEZ

Mas nunca desposou a D. Aldonça de Valladares, nossa mãe.

ALVARO

E sois vós que m'o lembraes!...

IGNEZ

Se me obrigam!

ALVARO

(Irritado.) Devera obrigar-vos a sahir d'este viver pouco... regular.

IGNEZ

(Melindrada.) Alvaro, creio que não viestes aqui para offender-me.

ALVARO

Perdoae-me! E' que me tarda o instante de ver outra vez illibado o nome da nossa familia.

IGNEZ

(Pensativa, consigo mesma. Baixo.) Podessem os meus filhos deixar de ser bastardos!

ALVARO

De mais, sem se realizar esta esperanza, pouco valerá para nós o intento que formei... e que julgaes um sonho...

IGNEZ

Porque o é...

ALVARO

(Baixo, tendo olhado em volta de si.) Os filhos de D. Lennor de Guzman, D. Henrique e D. Tello, com quem me avistei sobre o Caya, affirmaram-me que os povos castelhanos e leonezes anceiam pelo momento de sacudir a tyrannia do actual soberano. Offerecem, pois, ao infante, a corôa que seu sobrinho não pode nem deve cingir mais tempo. Que perspectiva deslumbrante! Hoje rei de Leão e Castella, e amanhã — seu pae está velho. — também rei de Portugal!... Restaurado o imperio de Affonso VI e D. Pedro imperador! Não vos sentis fascinada?

IGNEZ

Não sou ambiciosa.

ALVARO

Deveis sel-o, a bem dos vossos filhos... Deveis aconselhar o infante a que secunde aquelle projecto.

IGNEZ

E se d'ahi nos vier desgraça? Alvaro, já somos bastante invejados!...

ALVARO

Por isso mesmo precisaes defender-vos... defender os vossos filhos!

IGNEZ

Que posso eu fazer?

ALVARO

(Insinuante.) Aconselhar o infante a que accete aquella proposta... e, não o conseguindo, podeis, actuando-lhe no espirito, contrariar os manejos do partido portuguez, que tentará sempre esbulhar os pobres pequeninos, considerando-os prejudiciaes a seu irmão Fernando.

IGNEZ

(Com respeito e carinho.) O filho de Constança! Seu pae os protegerá a todos igualmente. (Olhando para a direita.) Mas como se demora!

ALVARO

(Tomando-a pelo braço.) Escutae, que o proveito é vosso. D. Pedro só poderá cumprir o que o amor lhe ordenar, se, longe de influencias desleaes e contrarias, tiver ao seu lado quem lhe encaminhe o animo irrequieto. E que melhores conselheiros, do que os irmãos da futura rainha... ou imperatriz?

IGNEZ

(Amedrontada.) Calae-vos!

ALVARO

(Baixo.) Do que eu e Fernando? Não podem acoi-mar-nos de ambiciosos, temos largos bens e poderio em Castella... Alcançae-nos outro tanto em Portugal, e tendes certo o futuro de vossos filhos!

IGNEZ

(Abanando a cabeça, negativamente. Pensativa.) Para elle julgar que foi o interesse...

ALVARO

Para que tenha a alegria de vos satisfazer um desejo!

SCENA VI

OS MESMOS E D. PEDRO

PEDRO

(Fora, na direita.) E não tornes a importunar-me, quando não!... (Entra.)

IGNEZ

(Indo para elle pressurosamente.) Que foi isso, meu senhor?

PEDRO

(Abrandando subitamente.) Ah! E's tu?... *(Fallando para o logar d'onde veiu.)* Sandeu! Alvar!

IGNEZ

Quem vos agastou? Seria aquelle homem que pediu para fallar-vos, quando vinhamos para aqui?... Quem é?

PEDRO

(Que respondeu com um signal affirmativo á segunda pergunta.) O mestre de leis do visinho Estudo Geral, que, como sabes, veiu para Coimbra ha cerca de um anno. Queria o tonto que eu lhe arranjasse licença para voltar a Lisboa por tres mezes, e deixava os discipulos ao mestre de decretaes.

IGNEZ

Não allegava razão forte?

PEDRO

(Rindo.) Ir casar com a filha de um mercador da Rua Nova, com quem se apalavrou em quanto lá esteve. E eu respondi-lhe que, ou elle sabia pouco, visto poder substituil-o quem ensina decretaes e não é obrigado a saber leis; ou que, podendo um homem só ler ambas as sciencias, escusado é pagar a dois. Se quer por força casar, tem ahí por Coimbra muitas moças solteiras, e escusa tirar a patricia aos rapazes de Lisboa!

IGNEZ

(Sorrindo.) E se elle amar essa e não outra?

PEDRO

Um mestre de leis nunca amou ninguem! *(Senta-se á direita.)*

IGNEZ

(*Ri.*) Vou dizer a Aldonça que se recolha a palacio. Não está frio, mas a nossa filhinha tem uma saude tão fraca...

PEDRO

Vae. Sempre estamos em janeiro... (*Ignez sae pela esquerda.*)

SCENA VII

ALVARO E PEDRO

ALVARO

E eu, se permittis, vou a Coimbra beijar a mão a el-rei, a quem d'esta vez ainda não tive a honra de fallar.

PEDRO

(*Levantando-se.*) Ide, e se á sua ilharga virdes algum sabujo, que, nos instantes em que não apanha as migalhas atiradas pela regia mão, aguçar as presas, aboccanhando-me, enxotae-o para junto de mim e te-rei o prazer de esmagar um animal damninho e desprezível.

ALVARO

Quem vos ultrajasse na minha presença, de ninguem mais receberia o castigo.

PEDRO

A audacia vae muito longe, quando tem arrimo poderoso.

ALVARO

(*Com interesse.*) Temeis algum perigo, para vós... ou para minha irmã?

PEDRO

(*Sarcastico.*) Perigo!... Os conselheiros reaes co-nhecem-me bem. A prova é que teem urdidó tanto a

medo a sua teia, que ainda não decidiram meu pae a manifestar-me claramente o desagrado.

ALVARO

É possível então que se enganasse quem vos informou.

PEDRO

Não! Nem minha mãe, nem o meu leal amigo Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, me avisariam sem fundamento. Alguma coisa planeam contra mim, mas, à la fé! teem-me tanto respeito os mastins, que nem de longe se atrevem a rosnar-me.

ALVARO

Tinha que ver se os cortezãos affrontavam o príncipe, que amanhã hade cingir a corôa d'este reino.

PEDRO

(Descobrimdo-se.) Deus avivente meu pae e lhe feche os ouvidos a conselhos perversos.

ALVARO

Mesmo sem o perderdes, tendes maneira de ser imensamente poderoso.

PEDRO

O quê?... Ah!... Sim .. Mas podeis retirar-vos, e sem palavra de tudo isto a vossa irmã. *(Alvaro faz uma vénia e sae pela direita.)*

SCENA VIII

PEDRO, só

Sim... Aceitando o que me propõem de Castella deixaria de sentir estes receios... Mas, quem pode calcular os resultados, não para mim mas para o reino? Talvez minha mãe e o arcebispo exaggerem... Já que meu pae veiu a Coimbra, conseguirei que se explique. Não! Se elle arrostando com seu proprio pae,

do que não será capaz para commigo?... E era impellido pelo ciume — o ciume de seu irmão bastardo — não tinha, como eu, um motivo fortissimo, sagrado!... *(Batendo com a palma da mão na bocca.)* Cala-me essa bocca proterva, que ias faltando ao respeito a teu pae, ao teu rei. *(Cahindo sentado no banco da direita.)* Pois não haverá felicidade no amor, nem mesmo para quem ama e é amado apaixonadamente? *(Fica pensativo.)*

SCENA IX

PEDRO E IGNEZ

IGNEZ

(Entra pela esquerda, aproxima-se de mansinho, pou-sa-lhe as mãos nos hombros e debruça-se para lhe ver o rosto.) Era uma vez um principe que passava dias inteiros a scismar, e ás vezes, emquanto scismava, compunha em castelhano umas trovas mui lindas...

PEDRO

(Puxando-a para si, fazendo-a rodear o banco e sentar-se-lhe ao lado.) Em honra de certa dama mil vezes mais linda que as trovas.

IGNEZ

O que não devera ser-lhe dito a ella, para não a envergonhar com a . . . adulação.

PEDRO

Adoração... pois é de joelhos que lh'o quero repetir. *(Ajoelha.)*

IGNEZ

(Ameaçando levantar-se.) Se ajoelhardes, eu fujo.

PEDRO

(Sentando-se no chão e reclinando a cabeça no collo de Ignez.) Assim! Já não estou de joelhos e fico de todo o modo a teus pés.

IGNEZ

(Sorrindo.) Ai! Que o meu infante se tornou menino!

PEDRO

Pois que idade tenho eu?

IGNEZ

Como não sois mulher, posso dizel-a: trinta e quatro annos.

PEDRO

Enganas-te! Ha quanto tempo te confessei o meu amor?

IGNEZ

Ha nove annos.

PEDRO

E' essa a minha idade. Até ahi não tinha vivido.

IGNEZ

(Tomando-lhe a cabeça entre as mãos e beijando-lh'a.)
Louco! E desejaes viver assim muito tempo ainda?

PEDRO

(Encarando-a antes de responder.) Sempre!

IGNEZ

Mesmo quando a velhice tenha desbotado o que chamaes a minha formosura?

PEDRO

Se nunca deixarei de ver no teu rosto o encanto que me enfeitiçou. *(Comsigo.)* Ingrato, que descreia da felicidade no amor!

IGNEZ

Mais uma pergunta: E se eu morrer primeiro?

PEDRO

(*Levanta-se. Com certo desabrimento.*) Cala-te! Para que me affliges?

IGNEZ

(*Seguindo-o.*) Perdão!

PEDRO

Olha... Isto é um absurdo... Tu, mais moça do que eu, fechar-me-has para sempre os olhos com os teus beijos. Mas se assim não fosse, se te perdesse, ainda este amor seria o meu consolo na agonia interminavel da saudade.

IGNEZ

(*Abraçando-o.*) Pedro!

PEDRO

(*Achegando-a muito a si.*) Sentiria uma dôr eterna, se antes da morte não viesse a loucura!

IGNEZ

Basta! Afugentemos as ideias sombrias!

PEDRO

Sou exaggerado em tudo. Não amava Constança e como eu a choreil!

IGNEZ

Quanto lhe tenho sido ingrata!

PEDRO

O que? Não foi ella mesma que, já no seu leito de morte, vendo-nos ao pé de si debulhados em pranto, nos estendeu as mãos regeladas e, tomando as nossas, as juntou, como se quizesse unir-nos para sempre? Se a mim, culpado unico, a sua generosidade perdoou, de que podes accusar-te para com ella?

IGNEZ

De não vos ter resistido.

PEDRO

E não te queixas porque ainda te não dei a posição que mereces? Porque ainda não soube remover os obstaculos que se oppõem á nossa perfeita felicidade?

IGNEZ

Mas eu sou tão feliz!... Aqui, n'esta solidão, mais vos pertenco! (*Um sino faz ao longe o toque de vesperras.*) O toque de vesperras! Lembraes-vos? Foi á hora de vesperras que morreu o nosso primeiro filhinho. Eis o unico pezar que me tem dado este amor. Sentindo-o já muito mal, eu tinha nos braços o nosso querido Affonso... Queria aquecer-lhe o corpinho transparente... afugentar a morte!... Só quando o vi inteiriçado e frio, é que cheguei a acreditar... Ai! E quando m'o tiraram? Foi como se me tivessem arrancado uma parte de mim mesma, e a levassem no pequenino esquite, para debaixo da lousa pesada e fria. Não morri, porque tinha no coração o amor da amante, e porque d'alli a pouco repartia por outro berço o meu affecto maternal.

PEDRO

(*Beijando-lhe a testa, com a cabeça de Ignez sobre o peito.*) Meu anjo!

IGNEZ

Anjos n'este mundo só as creancinhas. Vamos para junto d'ellas e recobramos a alegria. (*Indica sahida pela direita.*)

PEDRO

(*Ouvindo outra vez o sino.*) E o officio das religiosas? Queres hoje faltar?

IGNEZ

A mãe ia vencendo a christã. (*Indo para a esquerda.*) Vamos. E' tão doce a voz do orgão!

PEDRO

(*Em cujo hombro Ignez se reclinou amorosamente. Indo ambos para a esquerda.*) Mais doce ainda, a tua voz! (*Sahem.*)

SCENA X

RAYMUNDO E EGAS

RAYMUNDO

(*Entra da direita.*) Já se foram. (*Olhando para a esquerda.*) Acolá vão. Não se encontram com el-rei.

EGAS

(*Baixo e rapidamente.*) A que virá sua mercê?

RAYMUNDO

Só elle o sabe. Ide dizer-lhe que não está aqui o snr. infante, nem mais ninguém. Eu fico, para os preverem se voltarem. (*Indica a esquerda. Egas sae pela direita.*) Esta vinda mysteriosa e repentina... Traz tão carregado o semblante!... E veem com el-rei os conselheiros que mais lastimam e censuram o viver de meu amo. Tenho cá uma coisa que me diz... Oxalá me enganem os meus agouros!

SCENA XI

RAYMUNDO, D. AFFONSO, PACHECO,
GONÇALVES E COELHO

D. AFFONSO

(*A Raymundo.*) Por que lado sahiu o infante?

RAYMUNDO

(*Apontando para a esquerda.*) Por ali. E' o caminho mais curto para a egreja de Santa Clara, aonde todas as tardes costuma...

D. AFFONSO

Vae dizer-lhe, sem que ninguém mais te ouça, que o espero aqui. (*Raymundo saúda e sae pela esquerda. Aos tres.*) Que inveja me fazeis! Não tendes que sa-

crificar ao bem do estado a propria tranquillidade, os affectos de familia... que fechar os ouvidos ás supplicas da esposa querida e venerada... que antepôr ao carinho paterno os deveres do cargo confiado por Deus!

PACHECO

Essa coragem admiravel torna-vos modelo de reis.

D. AFFONSO

(Sem o ouvir.) Cruel destino o meu! O que tenho padecido por causa das paixões alheias!

PACHECO

Meu senhor, dei-vos o meu conselho sincero e leal, mas tambem vos digo que talvez possa adiar-se este encontro... e que entretanto o snr. infante, reconhecendo o seu erro...

D. AFFONSO

(Duvidoso.) Pedro?... Nem eu já posso desperdiçar os dias, tão quebrado me sinto pela idade e pela doença! E quanto mais tempo decorrer, menos força terei. Era criminosa cobardia, senão entregava-lhe já o sceptro, para que sobre elle cahissem todas as responsabilidades! *(Senta-se, desalentado, no banco da direita.)*

PACHECO, GONÇALVES E COELHO

(Rodeando-o, afflictos e supplicantes.) Senhor!...

PACHECO

Valei-nos ou valesse Deus a Portugal! Sem o vosso grande tino e salutar energia, o reino perde-se. Tere-mos que repetir o que escutastes, complacente, á nossa lealdade?

GONÇALVES

Não é o odio, bem sabeis, é o amor patrio que vos falla pela nossa voz.

COELHO

A honra e fidelidade portugueza!

D. AFFONSO

(Triste e preocupado.) Sim, bem sei...

PACHECO

(Chegando-se-lhe.) Se nos faltasseis antes de remediados estes males, nem quero pensar no que seria d'este bom povo, e da terra conquistada pelos nossos maiores aos infieis. Os Castros, já tão ricos e poderosos no seu paiz, tornar-se-hiam os senhores de Portugal.

D. AFFONSO

(Ainda sentado.) Meu filho tambem ama deveras a sua patria, e saberá contel-os.

PACHECO

Se o não obcecasse uma influencia funesta que o avassalla inteiramente. Algum dos flagellos que victimaram Leão e Castella, no reinado de vosso genro, teria occorrido se não fôra D. Leonor de Guzman?

D. AFFONSO

(Levantando-se, com impeto.) A infame! Ah! Não esteve na minha mão o castigal-a!... *(Serenando um pouco.)* Mas a barregã já expiou os seus crimes!

GONÇALVES

Soube continual-os a Padilla. Tornou-se voz publica ter ella enfeitado a el-rei D. Pedro, vosso neto!

COELHO

(Seguindo a D. Affonso.) Quanto sangue, e do melhor, já tem corrido por sua causa! Porque mataram aleivosamente o grão-mestre de Calatrava? Para darem o seu cargo a um irmão da favorita.

PACHECO

Por isso o facho da guerra civil já allumiou Toro, Aguilar, Toledo...

D. AFFONSO

(Estacando.) Basta! Não me affronteis com essas visões medonhas. Pois o meu filho havia de ser tão fraco e os Castros tão audaciosos?... *(Caminhando pela scena.)* Não! Não!

PACHECO

Quem me dera não vêr o mal, para não me affligir; mas sei a quanto chega a audacia e a ambição d'esses homens... de D. Alvaro Pires especialmente. Oxalá possam descobrir o que elle foi, ha pouco, tramar a Castella!

D. AFFONSO

Se existisse algum trama, já de lá m'o teriam referido com clareza.

PACHECO

E não se limitariam áquellas palavras duvidosas... Em todo o caso, o predomínio que D. Ignez de Castro exerce no snr. infante é absoluto: provém da seducção da amante e do prestigio da mãe. Não é só ella a encadear o sr. D. Pedro, são tres adoraveis creancinhas...

D. AFFONSO

Mais adoravel o seu filho legitimo, Fernando, o meu querido neto!

GONÇALVES

Deus lhe conserve a protecção de seu avô, porque sem ella...

D. AFFONSO

Oh! Não me enlouqueças de raiva! Pedro não esbulhará em prol de bastardos o seu primogenito, o filho de sua esposa.

COELHO

Os bastardos podem legitimar-se.

D. AFFONSO

O quê! *(Desviando-se.)* Estaes calumniando meu filho!

PACHECO

Se me permittisseis um grande atrevimento, recordar-vos-hia ..

D. AFFONSO

(Voltando-se para elle.) Dizel...

PACHECO

Que vós mesmo já sentistes egual receio, quando, para favorecer ao snr. D. Affonso Sanches, el-rei D. Diniz, vosso pae...

D. AFFONSO

(Com força.) Cala-te, insolente, que ultrajas o principe mais nobre que tem occupado o solio portuguez! *(Parando no extremo da scena Comsigo mesmo, constricto.)* Tem razão! Tanto o suspeitei, que duas vezes lhe movi guerra, com acintosa rebeldia.

GONÇALVES

(A medo.) Meu senhor, perdoae a Diogo Lopes Pacheco. O seu espirito exalta-se e desvaira, pensando que, no throno de vossa mãe e vossa esposa, pode sentar-se...

D. AFFONSO

A manceba de meu filho? A bastarda de D. Pedro Fernandes de Castro? Por minha fé vos juro que tal se não ha de ver!

COELHO

E assusta-se commigo, e com todos os portuguezes, antevendo cortada a linha da successão em proveito de um filho de D. Ignez.

PACHECO

(Baixo.) Se até chego a receiar que a ambição dos Castros não recue perante um crime.. e que a vida do vosso neto...

D. AFFONSO

(Atemorisado.) Fernando... morto por elles!... E vulgar em Castella o assassinio politico! Oh! Deus!...

COELHO

São talvez exaggerados aquelles receios...

D. AFFONSO

(Dominando-se.) Silencio! Meu filho não pode tardar. Já até bastante se demorou. Retirae-vos com o animo tranquillo: ou elle consente em apartar-se da amante, que mandarei encerrar n'um mosteiro de Aragão ou Navarra, ou então... *(Esquivando-se a completar o seu pensamento.)* Ide-vos, que não quero testemunhas para a nossa entrevista.

PACHECO

(Baixo, a Coelho, com enthusiasmo.) Salvámos Portugal. *(Sahem pela direita.)*

SCENA XII

AFFONSO, só

E se resistir?.. Ai d'elle! Mas tem auctoridade para submeter um filho á obediencia, quem foi mau filho? Quiz expiar o passado, cumprindo á risca os meus deveres como homem e como rei, e o passado surge implacavel. Deus do ceo! não confieis a Pedro o meu castigo! Não lhe armeis o braço parricida, para vingar a morte de meu irmão... de João Affonso, degolado por minha ordem! *(Animando-se.)* Eia! Sus! Primeiro que tudo, a salvação do reino. *(Olhando para a esquerda.)* Pedro!... *(Senta-se.)*

SCENA XIII

AFFONSO E PEDRO

PEDRO

(Indo beijar-lhe a mão.) Só agora me disseram. .

D. AFFONSO

(Que não lhe deitou a benção.) Não estranho a de-

mora, pois sempre te escasseia o tempo para o que deves a teus paes. Nem já quasi appareces na côrte... (*Atalhando-lhe a resposta.*) Emprezas de montaria, bem sei... Tambem já tive essa paixão, e até me advertiram... Mais feliz do que eu, ouves, como infante, da bocca de teu pae, o que, já sendo rei, tive de escutar a um rico-homem do meu conselho.

PEDRO

Pois ameaçaram-vos realmente com escolher outro monarcha?...

D. AFFONSO

(*Affirmando com a cabeça.*) A auctoridade perde-se, quando não a fortalece a consciencia do dever. E eu n'aquelle tempo descurava as obrigações de rei, como tu hoje desprezas as de infante herdeiro da corôa. (*Levanta-se.*)

PEDRO

Eu?...

D. AFFONSO

Queres uma prova? A que destinou minha mãe, no seu testamento, o palacio de Santa Clara, aonde se recolheu depois de viuva? A aposentadoria de reis, infantes, ou de alguma dama do seu real sangue, (*Carregando nas palavras.*) de quem só podessem esperar bons exemplos as religiosas do vizinho mosteiro, tão suas predilectas: não o destinou ás concubinas dos infantes, nem aos seus bastardos!

PEDRO

(*Contendo-se a custo.*) Senhor!

D. AFFONSO

Vim fallar-te a este sitio, para ter menos presente a tua desobediencia.

PEDRO

(*Fallando com diffiuldade.*) As palavras com que me feristes, não as dictou certamente o vosso coração nobre e generoso!

D. AFFONSO

Vamos! Finge-te offendido, para ver se te não estranho o viver escandaloso, que está sendo o vexame do reino e a vergonha da nossa familia. (*Impondo-lhe silencio.*) Não te dei essas lições. Fui sempre austero de costumes, por amor de tua virtuosa mãe, e porque os bons exemplos devem partir de cima.

PEDRO

A sorte de meu pae não se compara com a minha... Tão feliz, que a esposa a que o ligaram para o bem do Estado foi tambem a eleita do seu coração! Supponde que não a tinheis podido amar...

D. AFFONSO

Voto a Christo! Qual outra mereceria mais affecto?... Verdade é que Constança tambem o merecia...

PEDRO

O amor não obedece á vontade, nem ao raciocinio. Mas supponde que não a amaveis... não! que lhe tinheis esse amor, e que á força haveis desposado outra princeza. Com a alma ferosa que tendes e cujo ardor me transmittistes, haverieis subjugado a paixão? E D. Beatriz teria tido força para vos resistir?...

D. AFFONSO

Impudente! Egualas tua mãe a Ignez de Castro... a tua rainha, tão nobre e honesta, a essa bastarda ambiciosa e sem escrupulos!

PEDRO

(*Exasperado.*) Pae! Meu pae!

D. AFFONSO

Ameaças-me?

PEDRO

Se vos podesse faltar ao respeito, diria que não é certamente D. Affonso de Portugal quem já duas vezes insultou uma dama, sabendo que ninguem pode exigir-lhe reparação.

D. AFFONSO

(*Serenando um pouco.*) O filho não me attende, escutar-me-ha o infante. Não vêdes que é forçoso acabar com esta situação, escolhendo uma companheira que dê brilho e honra ao throno de Portugal... que, pelo valimento de sua familia, mais nos fortaleça no meio dos estados da Peninsula?

PEDRO

Nenhum perigo nos ameaça.

D. AFFONSO

Por já não termos sarracenos na fronteira? .. Nem sempre são elles os peiores inimigos, e por isso vos não lembro que vosso cunhado não perdeu a corôa de Castella por ser casado com a filha d'um rei, que poude auxiliá-lo. Mas vêde as luctas que dividem a cada passo Aragão, Castella e Navarra, luctas tão renhidas que, para triumpharem, principes christãos não se pejam de pedir auxilio aos reis mouros de Granada.

PEDRO

E só desposando a filha d'um rei é que posso?...

D. AFFONSO

Tereis certa uma alliança poderosa.

PEDRO

Mais espero da energia do povo portuguez, que não precisará de estranhos para defender a sua independencia.

D. AFFONSO

Acabemos com isto! O que exijo é que ponhaes termo a essa aventura.

PEDRO

Aventura, o amor a que devo toda a minha felicidade!... A paixão que me liga a esse anjo de bondade e formosural...

D. AFFONSO

(*Sarcástico.*) Um anjo que martyrizou a boa Constança e... quem sabe?... a despenhou prematuramente no sepulcro!

PEDRO

Oh! Bem sabeis que foi aquella doença ..

D. AFFONSO

Defendei-a, que para isso vos enfeitiçou e reduziu a seu cumplice. Porém não succederá em Portugal o que se viu e está vendo em Castella. Se fiz justiça implacavel a meu irmão, ainda melhor a saberei fazer a meu filho, para tornal-o digno da corôa de Affonso Henriques!

PEDRO

Mal me conhece quem pretende com ameaças submeter-me a vontade! Ah! Mas são os desleaes conselheiros, não é meu pae que... Não podeis querer a minha desgraça!

D. AFFONSO

A vossa desgraça e a do reino estaes preparando com esses desvarios.

PEDRO

Pae, a minha felicidade, a minha vida é Ignez de Castro. Acalentado pelo seu carinho, honrarei, como vós, o throno portuguez... mas se m'a tirasseis, juro-vos que seria um mau rei, indifferente ao bem do povo por ter desrido do proprio. Refugiei-a aqui, para vos não magoar com o escandalo, que não pode terminar em vossa vida. Rehabilital-a desde já seria offender-vos ainda mais...

D. AFFONSO

Ah! Depois da minha morte é que?... Como D. Sancho o Capello, sacrificareis tudo a uma paixão tresloucada? Lembrae-vos de que o infeliz perdeu a corôa e morreu no exilio, esquecido de todos, até da propria Mecia Lopes de Haro!

PEDRO

Não ha possivel comparação...

D. AFFONSO

Já vejo que cerrastes os olhos á verdade...

PEDRO

A verdade é o que não quereis ver... é que se eu vos obedecesse...

D. AFFONSO

Quereis dizer que me desobedeceis! Por emquanto o rei sou eu!

PEDRO

Meu pae, não me trateis assim... Tratae-me como filho... filho amantissimo e respeitoso! Deixae-me ser feliz!

D. AFFONSO

(Repellindo-o com o gesto.) Hypocrita!... De hoje em diante sois para mim apenas um mau vassallo... O filho, perdi-o. *(Vendo Pedro dar um passo para elle.)* Não vos approximeis! Hoje mesmo sahirei de Coimbra, para que entre nós nem sequer haja de commum o ar que respiramos. *(Sae pela direita.)*

PEDRO

(Seguindo-o alguns passos.) Meu pae! Meu pae!... Cruel, que assim me deixa... Minha mãe, resta-me o vosso affecto. *(Com paixão.)* E restas-me tu, tu principalmente, meu amor, meu supremo bem! *(Sae pela direita.)*

SCENA XIV

IGNEZ, DEPOIS PEDRO

(Ignez, que ouviu tudo, apparece por entre o arvoredado do fundo, e vê Pedro afastar-se.)

IGNEZ

Desfez-se a minha illusão!... É que não podia durar tanta felicidade. O que el-rei pensa de mim, pensal-o-hão todos... que foi a ambição, o interesse!...

Meu querido Pedro, desgraçado que tu és também!... Mas não saberás que padeço... terás conforto na minha alegria... Ah! Que se não fossem os nossos filhos!... Filhos do meu coração!... *(Tem-se dirigido para a direita, como se fosse buscar refugio ao pé d'elles, mas pára ao ver Pedro, e volta-se um pouco.)*

PEDRO

Estavas aqui ha muito? Egas disse-me que tinhas voltado...

IGNEZ

Agora mesmo... para vos contar... *(Lembrando-se de subito, e rindo febrilmente.)* O nosso filhinho, o João, estava a imitar-vos... e a Beatriz fingia que era eu... Coitaditos! Requebravam-se ambos, tão alegres e donairosos, que eu desatei a rir... a rir perdidamente! Já não posso mais!

PEDRO

(Abraçando-a pelo lado das costas e beijando-lhe o cabello.) Creança!

IGNEZ

É o que eu sou... Tenho, como tu, a idade do nosso amor! *(Ri-se nervosamente, occultando o rosto no seio de Pedro, para disfarçar o pranto.)*

FIM DO 2.º ACTO

ACTO III

Uma sala no paço contiguo ao primitivo mosteiro de Santa Clara, na margem do Mondego defronte de Coimbra. Architectura gothica. No fundo não muito longe do proscenio, uma serie de arcos ogivaes, e para além d'estes um terraço coberto de arvoredos. Por cima do mainel do terraço avista-se o panorama do Mondego, ladeado de salgueiros. Duas portas de cada lado. Pende na da esquerda um reposteiro, tendo ao centro o braço de Ignez de Castro: um escudo com treze arruelas azues ordenadas em tres palas, sobre campo de ouro com um meio leão de ouro, e seis arruelas de azul por timbre. Cadeiras de espaldar, gothicas. Volumosa arca de madeira preta, bem ornamentada e com grande ferrolho, encostada á parede; serve de assento. Imagem de Santa Ignez esmagando Satana; almofada no chão, por baixo da imagem. A 7 de janeiro de 1355. E' de dia.

SCENA I

RAYMUNDO, EGAS, MONTEIROS, E FALCOEIROS

(Raymundo, em meio da scena, dá ordens aos caçadores do infante. Egas, sentado á esquerda, lê um livro grande, que tem aberto sobre os joelhos.)

RAYMUNDO

É como vos digo. Ha por bem o snr. infante nosso amo ir montar pelas serras da Beira e parte hoje mesmo. Aprestaes-vos, pois, que não haverá, como hontem, contra-ordem. (A um monteiro.) Cuidado em levar os melhores alões e os mais velozes sabujos de correr e de achar, que toparemos de certo muitos javalis. (A outro.) E vós, dom monteiro, attenção aos podengos, que tambem não faremos cara ás lebres nem aos coelhos. (Suspirando.) Que falta nos faz o Ismael! Não cheguei a tempo de pontear á lança o ja-

varado que o accommetia e que afinal o estripou! (A Egas.) Já o não conhecestes? Era o rei da matilha! (Sahem os monteiros.)

EGAS

O quê? (Levanta-se e deixa cahir inadvertidamente o livro.)

RAYMUNDO

(Ajudando-o a levantar o livro.) Cautella! Deus vos livrasse de estragar ao snr. infante o livro de montaria, mandado escrever pelo seu defuncto cunhado D. Afonso XI, rei de Castella! E, de mais a mais, a copia offerecida por elle ao snr. D. Pedro!...

EGAS

Estava a consultal-o, para ver se o caçador, que morrer de ferida feita por javali, perde a sua alma.

RAYMUNDO

Não perde, segundo as melhores auctoridades, apesar de o javardo, como porco que é, ser animal im-mundo. (Aos falcoeiros.) Então que é isso, ainda ahi estaes? (A um d'elles.) Ide apromptar-vos, dom falcoeiro, porquanto a caçada tambem mette volataria. Falhando a caça do chão, recorre-se á do ar. (O falcoeiro segue os outros, que se tinham dirigido para a porta da direita alta. Sahem. A Egas.) D'esta ultima é que sabeis menos. Como o livro não a ensina...

EGAS

A cetraria tambem já me não assusta. Dae-me um falcão de qualquer especie, gerifalta, nebri, alfaneque ou tagarote, e vereis se o não largo a tempo de dar a fiada e ir, até ás nuvens, se fôr necessario, aferrar a desejada perdiz ou rola!

RAYMUNDO

Olál A presa não pode ser outra?

EGAS

Pode ser calhandra, codorniz, sizão, pombo, pato bravo...

RAYMUNDO

Basta! Basta! Não tenho mais que perguntar!...

EGAS

Sim? Pois agora pergunto eu. (*Confidencialmente.*)
Que vos parece esta ideia do snr. infante? Ha tão poucos dias que teve aquella contenda com el-rei, e já hoje vae partir para a caça!

RAYMUNDO

Quem sabe lá se houve contenda!

EGAS

Ahi temos as costumadas discrições. Não vistes a severa catadura d'el-rei, quando se retirou?

RAYMUNDO

É a sua habitual. Nem nos viu, com a pressa de chegar a Coimbra, d'onde logo partiu para Montemor. Desde então, completo socego.

EGAS

Não seja prenuncio de tempestade!

RAYMUNDO

Tempestade vos traria minha irmã se por ahi viesse, como tinha annunciado. O falhar a visita será symptoma de que o seu amor bateu as azas?

EGAS

Se quereis vigial-a...

RAYMUNDO

A' mana Sancha? *Libera nos, Domine!*

SCENA II

OS MESMOS E ALVARO

ALVARO

(Entra da direita) O sr. infante?

RAYMUNDO

(Apontando para a porta da esquerda alta.) Nos seus aposentos. Quereis que o chame?

ALVARO

Mandou-me dizer que estivesse prompto para a caçada...

RAYMUNDO

(Olhando para a esquerda.) Ahi chega justamente. Com vossa licença, que ainda quero dar uma vista de olhos ao que fazem os monteiros e falcoeiros. Como o snr. D. Pedro tem «redonda caça», não se perdôa a menor falta. *(Sae pela esquerda.)*

SCENA III

EGAS, ALVARO, PEDRO, DEPOIS IGNEZ

PEDRO

(A Egas, que pegou no livro e se dirigia para a esquerda.) Aonde vaes?

EGAS

Pôr a bom recato o vosso livro de montaria.

PEDRO

Vae e volta. Tenho que dizer-te. *(Egas faz uma vénia e sae. A Alvaro, indicando Ignez, que vem entrando.)* Ajuda-me a convencer uma teimosa. Descrê das caçadas n'esta epoca do anno.

IGNEZ

Pois vale a pena arriscar-vos ás intemperies de janeiro, só por causa de um veado ou javali!

PEDRO

(Risonho.) Ingrata! A desdenhar do producto das minhas montarias! *(A Alvaro.)* Mas festeja os manjares que se fazem com elle. Nenhuns outros me sabem tão bem! Ganhei-os com o meu trabalho.

ALVARO

Além de que o jogo de andar no monte prepara bellamente para a guerra...

PEDRO

E' o que lhe diz a toda a hora D. Raymundo, o meu fiel monteiro.

IGNEZ

(Debruçando-se-lhe no hombro.) E eu não o escuto. Deus ha de livrar sempre de guerras o meu infante.

PEDRO

(A Alvaro.) Se hontem ouvisseis o bom velho! Como a fronteira está limpa de infieis, já me fazia em Africa, sujeitando o Algarve d'além-mar, e convertendo mouros á fé christã.

IGNEZ

Longe vão os seus agouros, coitado!

ALVARO

Não graciejis, que a melhor gloria para um principe é a conquistada pelas armas, especialmente quando é neto de D. Sancho o Bravo, de Castella, e filho de D. Affonso o Bravo, de Portugal.

PEDRO

(Mudando de aspecto ao ouvir o nome de seu pae.) Ignez, vae em busca de nossos filhos. Quero beijal-os antes de partir.

IGNEZ

(*Entristecendo.*) Sim, meu senhor. (*Dirige-se para a direita.*)

PEDRO

(*Indica a esquerda.*) Talvez a Aldonça os levasse a passeio.

IGNEZ

Recommendei-lhe que não deixasse a nossa filhinha sahir da camara onde dormem. Tem tossido muito a Beatriz e parece estar com febre. Será bom irdes vel-a lá mesmo.

PEDRO

Pois sim. (*Leva-a até á porta da direita.*) Não tardo.

IGNEZ

(*Comsigo, á sahida.*) Parte e eu fico só!... (*Sae pela direita.*)

SCENA IV

PEDRO E ALVARO

PEDRO

(*Tendo-se certificado de que Ignez já vae longe.*) Distestes a vossa irmã que esta caçada é?...

ALVARO

Apenas um pretexto?... Não m'o tinheis prohibido?

PEDRO

Sim... mas, não sei como, Ignez suspeita de alguma coisa, posto que não saiba a verdadeira razão da minha partida. (*Senta-se.*) Quereis que vos falle francamente? Já me tenho arrependido do que fiz e do que ainda vou fazer.

ALVARO

Como assim!

PEDRO

Pois não será desnecessario? Este socego, em que meu pae me tem deixado, mostra que as suas iras abrandaram perante a firmeza com que lhe resisti.

ALVARO

Melhor o deveis conhecer do que eu .. mas não estará el-rei preparando o golpe, de modo que d'esta vez lhe não saia frustrado?

PEDRO

Não é para dissimulações o seu character. O que não obtive de mim pela persuasão, nem pela intimativa, não pretenderá conseguil-o pela traição.

ALVARO

Mas os tramas urdidos pelos seus cortezãos? . .

PEDRO

Inuteis. Ninguém se atreveria, vós mesmo o dissestes, com quem ha de cingir, talvez em breve, a corôa d'estes reinos. Sim! Pratiquei uma imprudencia convocando esses ricos-homens da Beira. Descubra-se o plano e meu pae romperá n'um excesso.

ALVARO

Romperá de toda a sorte, mas, uma vez ajustado o que intentaes, já não lhe tereis medo.

PEDRO

E o que serei então? Um rebelde. Peior ainda! Oh! Devia recusar o auxilio que em vosso nome e no de vosso irmão me offerecestes. Sei quanto me sois dedicados... mas sempre é auxilio de estrangeiros.

ALVARO

Se levarmos a bom termo aquella grandiosa empreza, deixareis de ser estrangeiro em Castella. Não comprehendo o que possa deter-vos. Dizei uma palavra, uma só! e virão d'além da fronteira cente-

nas de homens de armas, congregar-se pressurosos em torno do pendão do seu futuro soberano!

PEDRO

(*Segurando-o pelo braço.*) Não! Ser-me-hia bastante o braço portuguez, se não houvera mais recurso do que arrancar da espada! Porém Deus não o permitirá!

ALVARO

Sou menos optimista. Chego até a perguntar a mim proprio se mais prudente não seria levardes hoje mesmo comvosco todas as pessoas de vossa familia, para o sitio onde irão esperar-nos os vossos leaes amigos.

PEDRO

Equivalia a declarar-me rebelde. Demais, el-rei não faz coisa alguma antes de se avistar commigo outra vez. E' o que hoje mandei pedir a minha mãe. Mas se descobre o que tramamos!...

ALVARO

Como?... Quantas vezes tendes andado monteando com esses mesmos fidalgos, que mandastes chamar?... Julgará que é apenas uma caçada.

PEDRO

E como deixo aqui vossa irmã, ainda mais occulto fica o verdadeiro motivo.

ALVARO

Mas se el-rei, sabendo que ella está sósinha?... Perdoae-me! E' que não se me varre da memoria o triste fim da Guzman. Attrahida a Sevilha com as mais sollemnes promessas, e morta aleivosamente, barbaramente...

PEDRO

Offendeis meu pae, equiparando-o a meu sobrinho. Ignez, só e desamparada, ainda mais se lhe impõe á commiseração. Quem é modelo de cavalleiros, não desce á infima cobardia.

ALVARO

Não me temo d'el-rei, temo-me dos seus validos.

PEDRO

Chiton! (*Vendo Egas assomar á porta da esquerda baixa.*) *Approxima-te. (A Alvaro.) Vou socegar-vos.*

SCENA V

OS MESMOS E EGAS

EGAS

Ordenae, meu senhor.

PEDRO

(*Baixo e rapidamente.*) Não vaes comnosco á montaria. Ficas aqui guardando o que mais prezo no mundo: D. Ignez de Castro e os meus filhos.

EGAS

Oxalá possa mostrar-me digno de tamanha honra.

PEDRO

Talvez possas. Mas se ainda assim vires arriscados os thesouros que te confio, corre a prevenir-me aavez de todos os perigos.

EGAS

Se vos faltar, dae-me o castigo dos traidores.

PEDRO

Ouve o mais, que deve ficar entre nós tres unicamente. As ordens que te der D. Ignez, cumpril-as has como se de mim proprio as recebesses.

EGAS

Assim será. (*Beija-lhe a mão.*)

PEDRO

E agora vou dizer adeus aos meus filhos. *(A Alvaro.)* Estaes satisfeito? Ide apromptar-vos, que já tendes pouco tempo. *(A Raymundo, que entra pela esquerda.)* Podes dar o signal, quando estiver tudo prompto. *(Sae pela direita e Alvaro pela esquerda.)*

SCENA VI

EGAS, RAYMUNDO, DEPOIS FERNÃO PAES

RAYMUNDO

(Já preparado para a caçada.) Ainda assim!...

EGAS

Eu não vou. Fico.

RAYMUNDO

Que vergonha! Apesar de velho, não dou parte de fraco.

EGAS

Foi ordem de nosso amo.

FERNÃO PAES

(Entrando da esquerda. Muito servil.) Snr. D. Raymundo, procura-vos um fidalgo, que já veiu cá. O snr. vosso primo.

RAYMUNDO

Mendo!... Dizei-lhe que estou de partida... que o snr. infante não consente...

FERNÃO PAES

Cuidando que a sua presença vos agradaria, trouxe-o commigo até á proxima ante-camara. *(Indica a porta da esquerda baixa.)*

RAYMUNDO

(Referindo-se a Mendo.) Importuno!... *(Passa á direita.)*

FERNÃO PAES

Teve apenas de subir a escada.

RAYMUNDO

Snr. Fernão Paes, como sois avarento, deixar-vos-hieis vencer por algum forte ou meio forte d'el-rei D. Diniz?

FERNÃO PAES

Eu! Receber dinheiro!... Só invocando o testemunho de vosso primo, é que posso justificar-me. (*Falando para fora, á porta da esquerda.*) Oh! meu senhor! Fazeis-me a graça?... (*Indica-lhe que entre. Comsigo.*) Acabei de ganhar o seu alphonsim! (*Designa Mendo e bate a occultas na escarcella. Sae depois de Mendo ter entrado.*)

SCENA VII

EGAS, RAYMUNDO E MENDO

MENDO

(*Entra apressado. A Raymundo.*) Mil graças por terdes consentido...

RAYMUNDO

(*Protestando.*) Eu!...

MENDO

Se não vos empenhardes por mim, perco o melhor das minhas terras! El-rei não me quiz valer, mas se o snr. infante...

RAYMUNDO

Tambem já está farto de vos aturar.

EGAS

E vae partir para a caça.

MENDO

Caça me quer dar o Prior do Hospital a quanto possuo... Fallae-lhe, pedi lhe!...

RAYMUNDO

E' o que sabeis! Pedir, pedir seja a quem fôr, comtanto que esteja de cima! (*Subindo.*) Quando se acabará esta praga de pedintes em Portugal!

MENDO

Snr. primo, não me trateis desabridamente! Eu tenho justiça.

RAYMUNDO

(*A'parte.*) Já sei! (*Faz do mainel do terraço um signal para fora, sem que Mendo dê por isso. Ouve-se tocar uma buzina*) Ouis? E' a buzina de caça tocando á partida.

MENDO

(*Supplicante.*) Mas antes ou menos...

RAYMUNDO

(*Esquivando-se.*) Depois, depois! (*Rindo.*) Montae a cavallo e no caminho fallareis ao snr. D. Pedro da vossa pretensão. (*Ouvem-se ladros de cães fora, no fundo. Aparecem, da direita baixa, falcoeiros com as aves de cetraria empoleiradas no dedo, dois monteiros com galgos e podengos á trela, e outros com bêstas, buzinas, etc.*)

SCENA VIII

OS MESMOS. FALCOEIROS, MONTEIROS, LOGO DEPOIS PEDRO, IGNEZ, ALDONÇA, D. JOÃO, D. DINIZ, ALVARO.

EGAS

(*Ao mainel do terraço.*) A matilha e os cavallos já esperam em frente do palacio.

PEDRO

(*Entra da direita com Ignez.*) Não saias do terraço senão depois de me perderes de vista. Quanto mais me acenares, mais cedo voltarei... e então que alegria para nós ambos!

IGNEZ

(*Baixo.*) Alegria que terei pago á custa de muitas lagrimas.

PEDRO

Mas nunca te vi assim! Parece que é a primeira vez que nos separamos!

IGNEZ

E' que ha momentos de incomprehensivel tristeza... em que nos assaltam presentimentos sinistros... principalmente quando se é muito feliz. (*Tem baixado a voz*) Quanto maior o bem, maior o receio de perdê-lo. Mas são coisas que passam depressa... e logo nos rimos do que antes nos assustava, e por isso eu... Vêdes? (*Risonha.*) Desfez-se a nuvem, já brilha outra vez o sol.

PEDRO

(*Cingindo-a com os braços.*) O teu sorriso.

IGNEZ

(*Zombeteira.*) Com esse já são tres os soes que eu tenho. (*Respondendo ao espanto de Pedro.*) Pois não chamaes aos meus olhos?...

PEDRO

Os soes da minha alma?... Mas tu zombas e eu nunca mais o digo... embora no meu coração, quando longe de ti, haja sempre noite escura.

IGNEZ

(*Baixinho, quasi supplicante.*) Então porque me deixas?

PEDRO

Porque assim é preciso... porque tendo ordenado que... (*Soltando-se-lhe dos braços.*) Olha! Já estão a

postos os meus falcoeiros e monteiros. Se outra vez lhes desse contra ordem, julgar-me-hiam tão creança como os nossos filhos, que ali veem. (*D. João e D. Diniz entram pela direita. Puxa-a para si por ambas as mãos, e beija-a.*) Adeus! (*Vendo-a retrahir-se com pudor. Baixo.*) Ninguem viu. (*Pega ao collo em D. Diniz e D. João e beija-os.*) Que formosos e gentis! (*Indica D. Ignez.*) Teem a quem sahir.

IGNEZ

(*Indica D. Pedro.*) Pois teem.

PEDRO

Quando eu voltar, já a Beatriz estará boa. (*A D. João.*) Queres ir commigo á caça?

D. JOÃO

Não, meu senhor, porque leuaes aquelle falcão. (*Indica um dos que teem os falcoeiros.*)

PEDRO

Assim lhe queres mal?

D. JOÃO

Quando eu estav a hontem a fazer-lhe festas na falcoaria, o mau estendeu o pescoço e bicou-me. (*Mostra a cabeça d'um dedo.*) Ainda se conhece. (*Ouvem-se fora novos latidos.*)

PEDRO

A matilha impacienta-se. (*Despedem-se, como se muito lhes custasse a separação.*) Não te esqueças! Ali, no terraço, enquanto me avistares. (*Abraça-a.*) Com a buzina de caça dir-te-hei o ultimo adeus.

IGNEZ

(*Apprehensiva.*) O ultimo!

PEDRO

(*Beijando-a.*) Louquinha! O ultimo, por hoje! Em breve estarei de volta. (*Da porta da esquerda despede-se d'ella outra vez, e sae acompanhado por Alvaro, que*

tambem se despede de Ignez e dos sobrinhos. Seguem-n'os os caçadores e Raymundo. Ignez corre para o mainel do terraço, onde a precederam os dois pequenitos guardados por Aldonça. Os tres acenam para baixo, como se D. Pedro atravessasse no fundo, da esquerda para a direita. Lá fora, vozearia dos caçadores, toques de buzinhas, ladros de cães, estalos de chicote, tropel de cavallos. Estes ruidos vão a pouco e pouco diminuindo de intensidade.)

D. JOÃO

(No mainel.) Que bonito cavallo ! Quem me dera já ser homem, para o montar ! (Bate as palmas.)

ALDONÇA

Não vos debruceis tanto ! (Ignez, os filhos e Aldonça desaparecem pela direita-fundo, como para verem mais tempo os caçadores. Egas olha do terraço.)

SCENA IX

EGAS E MENDO

MENDO

(A Egas, que está no terraço.) Abomino montarias ! Mal hajam os caçadores ! (Chamando Egas, que não lhe deu attenção.) Primo ! O' snr primo ! . . . (Egas desce um pouco.) Quantos dias estará ausente o snr. infante ?

EGAS

Sei lá ! Dois dias, uma semana, quinze dias . . . Não lhe conheceis o genio ?

MENDO

(Baixo, maliciosamente.) Constante, só ños amores. (Estende o beijo inferior para o logar onde se suppõe que está Ignez.)

EGAS

Queria eu dizer que, por uma ideia que lhe acode de repente, esquece muita vez as tenções longamente formadas. (Som distante de buzinhas.) Já vão longe. (Sobe

até ao terraço.) E eu que tanto desejava ir também!
(Espreita do mainel e desce.)

MENDO

Ora a minha vida! De Montemór para Coimbra e de Coimbra para Montemór!...

SCENA X

OS MESMOS, FERNÃO PAES E SANCHA

FERNÃO

(Chega á porta da esquerda baixa, e, tendo visto Egas, volta-se para traz.) Está aqui. (A Egas, com disfarçada zombaria.) A vossa esposa. Vi-a, agora mesmo, no atrio do palacio, apeando-se do seu palafrem e...

SANCHA

(Entra da esquerda.) Aqui estou. (Deixa-se cahir pesadamente n'um assento, ao pé da porta, e dá um suspiro de allivio.) Ai! (Fernão Paes retira-se pela esquerda, tendo mirado a ambos com escarneo.) Egas, aqui me tens! (Egas tem ido para outro lado da scena e está de costas voltadas para ella.) Assim cumpres o que me juraste á face do altar! (Egas, com a impaciencia, morde os beiços e bate levemente com o pé no chão.) Assim tratas a esposa, que, ingrato e imprudente, abandonaste no meio das seducções da côrte?

EGAS

Voltamos á mesma!...

SANCHA

Eu vinha com palavras de paz e affecto, obedecendo a um motivo fortissimo, mas recibes-me com tal desabrimento...

EGAS

Agradecei ao primo o não me ouvirdes ..

MENDO

A' vontade !... Já estava para me ir embora. Primos !... *(Sae pela esquerda, lançando a Egas um olhar furibundo)*

SCENA XI

EGAS E SANCHÁ

SANCHÁ

(Depois de Mendo sahir.) Que cegueira a tua ! Não vês que se não fôra um motivo fortissimo ?...

EGAS

(Como acima.) Não quero saber-o... e se insistirdes muito ..

SANCHÁ

Tornas ás tuas antigas ameaças ?

EGAS

E d'esta vez realiso-as.

SANCHÁ

Vae ter com o snr. D. Pedro, vae... e dize-lhe que fui eu que em Santarem denunciei a amante a sua esposa... que por minha causa é que D. Constança os surprehendeu na primeira entrevista...

EGAS

E que talvez com a denuncia abreviastes a existencia da infanta ? Quereis que lh'o diga ? Quando, n'um impeto de ciume, vos gabastes da proeza, e eu, aproveitando a arma que me daveis imprudentemente, vos impuz condições, ereis menos arrojada !

SANCHÁ

E de que me tem servido a resignação, dictada pelo affecto conjugal ?

EGAS

Pelo medo, aliás!

SANCHA

Não! Quiz resgatar as culpas do meu genio feroso!
E agora mesmo, (*Apasionadamente*) ainda obedecendo
ao amor...

EGAS

Amor n'essa idade é molestia. Foi talvez a cami-
nhada que fizestes de Montemór até aqui.

SANCHA

(*Furiosa.*) Sim? Pois de Montemór te chegará em
breve uma noticia... que eu já te podia ter dado para
se evitar um grande mal.

EGAS

(*Começando a inquietar-se.*) Quê?

SANCHA

(*Fazendo-se valer.*) A's vezes o acaso faz-nos desven-
dar segredos... e quem sabe se eu, chegando aqui
anticipadamente, poderia?... Não! Não! Pobre de
mim!... Estou doente... quasi doida. Não foi isto o
que disseste?... (*Esquivando-se-lhe.*) Na minha eda-
de é natural!

EGAS

(*Seguindo-a.*) Intenta-se alguma coisa contra o snr.
D. Pedro?

SANCHA

Ameaçaste-me com elle e tão fraco o julgas?

EGAS

(*Impaciente.*) Respondei-me!

SANCHA

(*Lamentosa.*) Interessas-te assim pelos estranhos, e
só te não importas com a tua esposa!

EGAS

(Transigindo, forçado.) Importo-me sim, mas tendes um genio...

SANCHA

Arrebatado, confesso. E' da paixão!

EGAS

Mas o que eu vos perguntei?

SANCHA

Se te responder, serás outra vez o meu Egas? Arreponder-te-has?

EGAS

Porém eu pedi-vos...

SANCHA

(Emendando.) Pedi-te! Eu trato-te por tu! *(Chega-se-lhe carinhosa.)*

EGAS

(Afastando-se d'ella irritado.) E sem responder!...

SANCHA

Ah! Sim!.. Pois não o alcançareis! Tambem agora te tratei por vós!

EGAS

Descobri-vos a artimanha. *(Terminantemente.)* Estou viuvo e continuarei a estar.

SANCHA

Pois folgo muito com isso... e não te digo nada.

EGAS

A minha vontade era . . . *(Contem-se ao ver Ignez, que volta com os dois filhos, do fundo, debruçando-se mais uma vez do mainel para ver se ainda sente a comitiva. Traz D. Diniz pela mão. D. João entra primeiro na sala.)*

SCENA XII

OS MESMOS, IGNEZ, D. JOÃO, E D. DINIZ

D. João

(*Voltando-se para trás, a Ignez.*) Nem já se ouvem.
(*Vendo Sancha.*) Ah! (*A Egas.*) E' a tua avósinha?

SANCHA

(*Indignada.*) Sou sua esposa! (*João ri, mas contem-se vendo que Ignez entra na sala depois de olhar mais uma vez do mainel.*)

IGNEZ

(*Reconhecendo-a.*) Sêde bem vinda, snr.^a D. Sancha Peres.

SANCHA

(*Com certa reserva.*) Minha senhora ..

IGNEZ

Não sabia que estaveis em Coimbra.

SANCHA

Venho directamente de Montemór.

IGNEZ

Então aposentae-vos no palacio. (*João e Diniz sahem para o terraço.*)

SANCHA

(*Lisongeada.*) Pois quereis?...

IGNEZ

Faço-vos este convite em nome do snr. infante, que acaba de partir. Sentiríeis a bulha que fazia a comitiva ..

SANCHA

Ouvi umas buzinas da caça, mas não suppuz ..

(Como se se lembrasse de coisa importante.) E para que lado foi?

IGNEZ

Para Condeixa.

SANCHA

(Com pezar e rapidamente.) Então não se encontra com el-rei!

IGNEZ E EGAS

(Espantados.) Com el-rei! . .

SANCHA

Sim. Eu vinha para vos dizer isto, porém Egas recebeu-me tão mal . . Não sei que novos enredos urdiram os vossos inimigos. . fallaram a el-rei n'um trama de vosso irmão, é o snr. D. Affonso, ardendo em furia e sem escutar a rainha, mal soube que o snr. infante partira hontem para a caça. .

IGNEZ

Tencionava, mas só hoje como vistes. . .

SANCHA

Mandae-o chamar quanto antes, que vós querem fazer mal! Recebestes-me com tanto agrado, que muito folgo em . .

EGAS

(A Sancha.) Devieis tel-o dito mais cedo!... (A Ignez.) Minha senhora, quereis que vá em seguimento do snr. infante? Posso alcançal-o perto d'aqui.

IGNEZ

Mas é possível que me queiram fazer mal?

SANCHA

Querem! Eu vinha prevenir-vos, para mostrar a meu marido que por elle até esquecia a fidelidade a meus amos. . .

EGAS

(A Ignez.) Se fugisseis com os vossos filhos?

IGNEZ

Ainda não acredito que el-rei... *(Escuta.)* Mas que é isto? Não ouvis?... *(Começa a ouvir-se um sussurro longinquo.)*

EGAS

(Subindo.) Vou ver! *(Sobe ao terraço e vae olhar do mainel.)*

IGNEZ

(Comsigo.) Virgem Santa! Se esta mulher não se enganou... *(Dando um grito de alegria.)* Ah! E' Pedro que volta! *(Dirige se correndo para o terraço, mas encontra-se com Egas.)*

EGAS

(Descendo, attonito.) Homens de armas de el-rei! Cercam o palacio! *(O sussurro é cada vez maior, e mais proximo.)*

IGNEZ

(Estarrecida de pavor.) Se vou ter o fim horrivel da Guzman! Meu bom Jesus, compadecei-vos de mim! *(Egas espreita outra vez do terraço, e Sancha á esquerda.)*

SCENA XIII

OS MESMOS, ALDONÇA, CREADAS
E SERVIDORES DO INFANTE

ALDONÇA

(Vindo do fundo.) Minha senhora! Minha senhora! E' el-rei que chega! *(Indicando o fundo-direita.)* D'ali observei tudo. Veem em som de guerra. Pacheco, Gonçalves e Coelho distribuem os homens de armas. *(Volta a observar do terraço. Continúa o sussurro.)*

IGNEZ

Os meus inimigos mais implacaveis!... Estou perdida!

EGAS

(Descendo.) Snr.^a D. Ignez de Castro, se a minha vida e a d'estes homens...

IGNEZ

Não! Não! Perderem-se por amor de mim!... Rebeldes ao seu rei!... Mas os meus filhos?... Onde estão os meus filhos?

ALDONÇA

Observam do terraço, pobres innocentes! cheios de admiração e alegria, a multidão que se vae juntando lá em baixo.

SANCHA

(Que desapareceu por uma porta da direita, voltando.) El-rei já sobe a escada! *(Vae para junto do marido. Tudo isto muito rapido.)*

IGNEZ

(Tendo de subito uma ideia.) Ah! Foi Deus que me inspirou. *(Sae apressadamente pelo terraço, fundo-direita, seguida por Aldonça e as creadas.)*

SANCHA

(Que fallava com Egas. Baixo.) Sim! Fugamos! E' livrar da arremettida do leão. *(Egas recusa, com um gesto indignado.)* Pois eu cá não quero ser vista. Pertença á casa da rainha. *(Sae apressadamente pela direita.)*

SCENA XIV

EGAS, SERVIDORES DO INFANTE,
AFFONSO, PACHECO, GONÇALVES, COELHO,
*E HOMENS DE ARMAS

D. AFFONSO

(Fora, á esquerda.) Que ninguem saia do palacio!
(Assoma á porta, e relanceia a vista pela sala.) Não está aqui.

GONÇALVES

(Baixo, a Affonso.) Se voltar o snr. infante?...

D. AFFONSO

Ordenae em meu nome aos homens de armas que o acompanhem á minha presença. (Gonçalves sae pela esquerda.)

PACHECO

(A meia voz.) Não volta. Não podia sentir-nos, porque já ia longe, e pela bulha que faziam os seus.

COELHO

(A meia voz.) E mandei guardar a estrada, para que ninguém fosse chamal-o.

D. AFFONSO

Que volte e não deixarei de fazer justiça.

PACHECO

Ardua tarifa! Nunca precisastes de tanta força de animo como na actual conjunctura.

D. AFFONSO

Parece-vos que depois do novo trama que descobrimos?... Voto a Christo! Quebrem-me este braço se já não poder enpunhar o sceptro! (Aos que o acompanharam.) Ainda não a procurastes? (A Egas.) Onde está Iñez de Castro?

EGAS

Não sei, meu senhor, se terá sahido do palacio...

D. AFFONSO

Oh! A sereia já também adestrou na mentira os meus antigos servidores! E tamanhos julga os seus crimes que nem ousa apparecer-me!... (Aos seus.) Esquadrinhae tudo!...

SCENA XV

OS MESMOS, IGNEZ, D. JOÃO, D. DINIZ,
D. BEATRIZ, DEPOIS ALDONÇA.

IGNEZ

(Indo cahir aos pés de Affonso, de joelhos, rodeada pelos filhos.) Meu senhor, aqui tendes a criminosa!...
(Indicando os filhos.) Aqui tendes os meus crimes!...

D. AFFONSO

(Voltando-lhe as costas e afastando-se.) Ainda alardeás a tua vergonha!

IGNEZ

Vergonha, os meus filhos! Mas vede-os e haveis de amal-os com igual carinho, que são também sangue vosso! Vêde-os e não lhes fareis mal. E que maior mal que prival-os do amor de sua mãe? Eu nada posso nem valho, mas quero-lhes muito! *(Abraçando-se aos filhos.)* Não é verdade, meus amores, que vos quero muito? Dizei-o a vosso avô para elle me perdoar. *(Os filhos abraçam-n'a.)*

D. João

(Com grande ternura.) Oh! Muito!... Muito!...

D. AFFONSO

(Sem olhar para as creanças.) Ah! Pensavas que mal derramasses algumas lagrimas, eu esqueceria todo o mal que tens feito — não a mim, mas ao reino — e o que ainda lhe queres fazer?... Ha muito descri da tua bondade e innocencia!

IGNEZ

(A medo.) O mal que tenho feito!... Porque cedi á paixão de vosso filho? . . E sois vós que assim me fallaes! Conheceil-o, sabeis qual é o seu encanto, também vos enlevaes nos thesouros de ternura do seu coração, e julgaes que eu podia resistir-lhe!

D. AFFONSO

Não fosse elle o herdeiro da corôa e vel-o-hias com outros olhos!

IGNEZ

Offendei-me, aviltae-me, que tendes esse direito, mas por Deus, que me ouve e ha de julgar, e por estas creancinhas vos juro que, pertencesse vosso filho á escoria da villanagem, mas fosse qual é por si mesmo, não pela riqueza e poderio, e eu amal-o-hia do mesmo modo, e cabiria nos seus braços... sem a minima ambição... rendida pelo amor!

D. AFFONSO

Foi tambem o amor que gerou todos esses planos tenebrosos, que se vingassem roubariam a Fernando não só o throno mas a propria vida?

IGNEZ

Eu, tramar a morte de uma creança!... Sou mãe, senhor, sou mãe! (*Affonso desvia-se de Ignez, menos irado.*)

PACHECO

(*Baixo, a Coelho.*) El-rei está menos resolutu!...

IGNEZ

Quereis que mande embora os meus filhos, já que nem vos dignaes olhar para elles? A Beatriz está doente, porém eu trouxe-a .. (*A's creanças.*) Ide-vos embora, filhos, mas antes beijae a mão de vosso avô!

D. AFFONSO

(*Resistindo debilmente.*) Não... não quero!...

D. JOÃO

(*Chegando-se-lhe de mansinho*) Não quereis os meus beijos?... Pois o snr. infante gosta muito d'elles. (*Beija-lhe a furto a mão.*) Ah! Tambem gostaes...

D. AFFONSO

(*Voltando-se e vendo os netos.*) Pobresinhos!

IGNEZ

Falta um, o mais velho... o Affonso... tinhamos-lhe posto o vosso nome... Esse, Deus levou-o para si...

D. AFFONSO

(Com desabrimento forçado.) Foi mais feliz!...

IGNEZ

Mais feliz do que estes, se lhes tirardes sua mãe. Não ha mais triste orphandade. Vêde como são pequeninos... (A's creanças.) Filhos da minha alma, pedi a vosso avô que me não mande matar! (Diniz e Beatriz abraçam-se à mãe, chorando.)

D. JOÃO

Não! O meu avô é muito bom! O meu avô não vos faz mal! (A Affonso.) Não é verdade?...

COELHO

(Collocando-se entre D. Affonso e D. João.) Meu senhor, não deixeis que se perca o reino, por causa d'esta mulher!

D. AFFONSO

(Desce, ficando deante de João e perto de Ignéz. Desabridamente.) Calae-vos!... (Comsigo.) E' o meu dever... mas se não posso!...

IGNEZ

(Agarrando-lhe a mão.) Perdoae-me! A minha vida é a vida de vosso filho... é a boa sorte d'estes innocentes!...

COELHO

(Baixo, a Pacheco.) Estamos perdidos!

D. AFFONSO

(A Ignéz.) Fugiste de Pedro, apezar de saber que, escutando-o, matavas Constança?

PACHECO

(Baixo, a Affonso.) Cumpre-se a ordem que tinheis dado?

D. AFFONSO

(Quando vae responder, vê o grupo de Ignez, chorando, abraçada aos filhos.) A ordem?... Não!... (Repellindo Ignez.) Deixa-me! (Sahindo rapidamente pela esquerda. Comsigo mesmo.) Que vergonhosa fraqueza! (Vão-se com elle os que o acompanharam á entrada.)

ALDONÇA

(Tendo corrido á porta da esquerda, para certificar-se de que se foram. Alegre.) Salva!

IGNEZ

(No meio da scena.) Hoje salvaram-me os meus filhos.. mas amanhã! (Virada para o terraço.) Pedro, meu Pedro, volta quanto antes, ou nunca mais me tornas a vêr! (Abraça-se aos filhos. O panno desce rapidamente.)

FIM DO 3.º ACTO

ACTO IV

A mesma sala do terceiro acto, allumiada por um brando posto n'um candelabro gothico. A paysagem longinqua illuminada pela lua, que se reflecte no Mondego, transmittirá ao publico uma grande impressão de serenidade. A acção suppõe se duas ou tres horas depois de acabar a do terceiro acto.

SCENA I

ALDONÇA E D. JOÃO

(Quando sobe o panno, Aldonça entra por uma porta lateral e D. João escuta no terraço uma cantiga que vem de longe.)

D. JOÃO

(Descendo um pouco.) Ouviste? Quem seria o cantador?

ALDONÇA

(Sobresaltada.) Ainda ali estaveis!

D. JOÃO

Medrosa!... Escutava aquella trova. E gentil que ella é! Falava de moiras encantadas, como as que entram nas tuas historias.

ALDONÇA

Mas vinde deitar-vos. Anoiteceu ha muito...

D. JOÃO

(Esquivando-se.) O cantador quem seria?

ALDONÇA

Algun creado do palacio, que tambem não está com somno.

D. João

Querias que eu dormisse, não tendo voltado ainda meu pae? Sou o seu filho mais velho, e devo fazer companhia a minha mãe . .

ALDONÇA

Não deveis affligil-a ainda mais. (*Disfarçando.*) Bem sabeis que a doença da vossa irmãsinha . .

D. João

A Beatriz está melhor.

ALDONÇA

Pois não a tem deixado um instante a snr.^a D. Ignez.

D. João

Ha outra coisa que afflige minha mãe, oh! se ha! O avô fel-a chorar tanto! Porque foi? Tão mau e tem um filho tão bom! Mau e feio! . . Mette medo com aquellas barbas muito compridas.

SCENA II

OS MESMOS E IGNEZ

IGNEZ

(*Entra da direita.*) Egas já voltou?

ALDONÇA

Ainda não, minha senhora, mas não tardará muito. Levou o melhor cavallo corredor dos que tinham cá ficado.

IGNEZ

(*Indo escutar ao terraço. João segue-a e fica lá, olhando do mainel.*) Quanto se demora!

ALDONÇA

Foi tão tarde...

IGNEZ

Para que não o detivessem, bem sabes, os homens de armas que vieram com el-rei... e tambem para se evitar que o snr. infante, voltando logo, podesse ainda encontrar-se com o pae.

ALDONÇA

Agora, já pouco deve tardar.

IGNEZ

Deus permitta ! E se Egas não encontrou o snr. infante ?...

ALDONÇA

Impossivel ! O snr. D. Pedro tomou pela estrada de Condeixa. Não havia que errar.

IGNEZ

Mas devia levar já grande deanteira...

ALDONÇA

Mesmo assim.

IGNEZ

Que dirá o snr. infante da minha ousadia ? Mandal-o chamar, quando apenas acabava de partir...

ALDONÇA

(Com força.) Se o não fizesseis, é que nunca vos perdoaria. É como se affligirá em sabendo o perigo que durante a sua ausencia... Felizmente já acabou.

IGNEZ

Quem sabe ? *(Sobe um pouco, e escuta.)*

ALDONÇA

A prova são estas horas de completo socego, que succederam á partida d'el-rei.

IGNEZ

A sanha dos meus inimigos não desarma tão facilmente.

ALDONÇA

A presença do snr. infante vae remediar tudo. Que mal fizestes não tomando o meu conselho!

IGNEZ

Ir ter com Pedro? E se antes me encontrasse com aquelles que me querem tanto mal?... Aqui, ao menos, como el-rei me poupou, talvez mais ninguem...

ALDONÇA

Mais ninguem, de certo!

IGNEZ

E tinha a minha filha n'aquelle estado!

ALDONÇA

Agora está melhor.

IGNEZ

Olhando para a direita alta.) Deixei-a dormir, velada pela Thereza Lourenço. Mas o João onde está? Esqueço-me de tudo. *(Chamando.)* João!

D. JOÃO

(Descendo do terraço.) Aqui estou. Quiz ver se meu pae...

IGNEZ

A apanhar frio!... Para tambem adoeceres?

D. JOÃO

Está uma noite que parece de verão.

IGNEZ

Vae deitar-te. *(Beijando-o.)* A Aldonça a acompanha-te. Os manos já estão dormindo.

D. João

(*Deitando-lhe os braços em roda do pescoço.*) E eu não quero ir ter com elles, para ficar ao pé da minha mãe. . . apesar de ella não me querer ao pé de si.

IGNEZ

(*Beijando-o.*) Meu amor ! Pois bem, ficas, mas se te der o somno. . .

D. João

(*Que bateu as palmas.*) Não dá !. . . E se der, deitaes-me na vossa cama.

ALDONÇA

(*A D. João.*) Os mimos é que vos estragam.

D. João

(*Virando a cabeça para traz e olhando-a.*) Sim? Já vejo que foste muito amimada. (*Fazendo-lhe surriada.*) Hoje não durmo ao pé de ti !

IGNEZ

(*Que foi escutar ao fundo.*) Nada ! Aldonça, vae-te deitar.

ALDONÇA

(*Protestando.*) Oh ! Minha snr.^a !. . .

IGNEZ

Ao menos vae para junto da Beatriz. A Thereza estava já com somno. Tambem vou ver a minha doentinha. (*Sobe.*)

D. João

(*Correndo atraz de Iгнеz, para a esquerda.*) E eu !

IGNEZ

Mas sem fazer bulha ! (*A Aldonça, que a seguia, como se se lembrasse de alguma coisa.*) Olha ! Vae chamar o Fernão Paes. Quero recommendar-lhe que esteja bem álerta.

ALDONÇA

(Baixo.) Não lhe digaes que chega o snr. infante. Não sei o que acho n'aquelle homem...

IGNEZ

E' dissimulado e interesseiro, mas, por medo e pela propria conveniencia, não seria capaz... Anda, vae chamal-o. (Aldonça sae pela esquerda. Comsigo.) E serve-nos ha tantos annos... (A D. João que está no terço.) Sentes alguma coisa?

D. JOÃO

Não, snr.^a Até o cantador já se calou.

SCENA III

OS MESMOS, E FERNÃO PAES

FERNÃO

(Seguinão Aldonça. Muito humilde.) Chamastes-me, senhora minha?

IGNEZ

Ficae de vigia toda a noite. Bem sabeis que estes sitios estão pouco seguros... e tendo ido para a caçada a maior parte dos serviçaes... (Aldonça sae pela porta da direita alta.)

FERNÃO

Até o proprio Egas, que a principio tinha ficado, tambem partiu a reunir-se com seu amo... Isto cuidou eu, não que elle m'o dissesse.

IGNEZ

Velae até de madrugada, e amanhã descançareis quanto quizerdes.

FERNÃO

(A' parte.) Não se confessa. (Alto, a Ignez que se dirige para a porta da direita alta.) Sim, minha snr.^a D. Ignez de Castro, podeis dormir socegada. Nem os

vagabundos que pairam n'estas cercanias se atreveriam a acommetter um paço real. (*Ignex sae com D. João.*)

SCENA IV

FERNÃO PAES, DEPOIS PACHECO,
COELHO E GONÇALVES.

FERNÃO

(*Aprumando-se de prompto, e com um risinho secco.*) Segredos commigo? E eu pago-te na mesma moeda, que para isso me pagaram agora mesmo, em bons maravedis. Além de que, são ordens de el-rei. (*Escuta á direita alta.*) Já está longe... (*Coçando atraz da orelha.*) Ordens de el-rei, dizia o Pacheco, mas se as cumpro, tenho certo um cutelo ou uma corda para o gasnete! Eu não lhes abri a porta! Juro e rejuro, ainda que me ponham a tratos! Os tres conheciam a palmos a cerca e entraram por ella... (*Escuta outra vez á mesma porta.*) Nada! (*Dirige-se para a porta da esquerda baixa, mas pára a meio caminho.*) E se a matam? Não! Levam-n'a para algum convento distante... (*Escutando á direita baixa.*) Todos dormem em palacio... Vamos! Agora já não posso recuar! (*Atravessa, pé ante pé, em direccão á porta da esquerda baixa e ao chegar ali dá de cara com Pacheco. Recuando.*) Ah!

PACHECO

(*Impondo-lhe silencio.*) Chiton! (*Voltando-se para traz. Baixo.*) Entrae. (*Gonçalves e Coelho entram. Vae, pé ante pé, á porta da direita alta, e escuta. Desce.*) Não pode ouvir-nos.

FERNÃO

(*Supplicante.*) Senhores, não me desgraceis! Mas el-rei tinha perdoado! . .

PACHECO

Logo, porém, se arrependeu da fraqueza indesculpavel, e auctorisou-nos a fazer o que entendessemos.

FERNÃO

E não temeis o snr. infante ?...

PACHECO

Enlouquece ou morre de pena. Em qualquer dos casos torna-se inoffensivo.

FERNÃO

(Atemorisado.) Mas então o que ides fazer á ? ...
(Deita um olhar para a direita alta.)

GONÇALVES

(Levando-o para a esquerda.) Olha que as línguas compridas cortam-se! *(Leva a mão ao cabo do punhal.)*

FERNÃO

(Recuando.) Sou creatura vossa ! *(Sae pela esquerda baixa.)*

PACHECO

A' cautela, vou entregal-o aos nossos homens de armas. Se ella no entretanto... Não façaes mal aos filhos... Teem sangue real e nem o proprio snr.D. Afonso perdoaria. . *(Sae pela esquerda baixa.)*

GONÇALVES

(Que escutava á direita alta, occulta-se de Ignez, que chega d'este lado ; diz do terraço a Coelho, rapidamente e em voz baixa.) Ahi vem !... *(Coelho esconde-se na porta da direita baixa, e Gonçalves no terraço, fundo-esquerda.)*

SCENA V

IGNEZ E D. JOÃO

IGNEZ

(Amparando o filho.) Nem já te sustens em pé ! Anda, vem deitar-te.

D. João

(Rabugento.) Não ! Não quero !...

IGNEZ

(Sentando-o no collo e tentando desabotoar-lhe o gibão.)
Queres, sim...

D. João

(Não deixando desabotoar-se, esfregando os olhos e choramingando.) Não ! Não quero !

IGNEZ

(Pega em D. João ao collo.) Deito-o vestido sobre a cama, e quando estiver pegado no somno... *(Leva-o pela esquerda-alta.)*

D. João

(Como acima, levado por Ignez.) Mas se eu não quero dormir !...

SCENA VI

GONÇALVES, COELHO E PACHECO

(Toda esta scena deve ser representada muito rapidamente. As fallas sempre a meia voz.)

GONÇALVES

(Indo escutar á porta da esquerda alta.) Se não fosse a creança...

COELHO

(Avançando poucos passos da porta da direita baixa.) Quanto pode ás vezes a fraqueza ! *(Ficam ambos escutando.)*

PACHECO

(Assoma á porta da esquerda baixa.) Então ?... *(Coelho aponta para o quarto de Ignez, indicando que ella está ahí.)* Mas pode chegar o infante ! Egas foi de certo chamal-o... Não é só o bem do reino, são as nossas vidas...

COELHO

Jogamol-as de ha muito.

PACHECO

(Apontando para a direita alta.) Ide para ali, não venham as aias acudir-lhe! Eu...

GONÇALVES

Eil-a de novo! (Occulta-se no terraço, para o fundo-esquerda; Pacheco na porta da esquerda baixa e Gonçalves na da direita alta.)

SCENA VII

IGNEZ, DEPOIS GONÇALVES, DEPOIS COELHO
E PACHECO

IGNEZ

(Entra da esquerda alta) Adormeceu, coitadinho! (Vae escutar do terraço. O luar illumina-a.) E não volta!... Como tudo isto me parece lugubre!... Mas foi aqui a minha felicidade... (Receiosa.) Foi aqui tambem que vi a morte ao pé de mim . e eu tenho tanto medo de morrer! (Gonçalves tem avançado no terraço, pê ante pé, occultando-se com as columnas.) Senti uns passos.

ALDONÇA

(Fora, na direita alta, gritando.) Fugi, minha senhora, fugi!... Veem matar-vos!...

IGNEZ

(Que recuou instintivamente, dando um grito, corre depois para a porta da direita alta.) Ah!... Os meus filhos estão ali!... (Sae, sem dar por Gonçalves, que tem entrado na sala, e que sae, perseguindo-a. Pacheco entra da esquerda baixa e sobe até ao fundo-meio, ficando a olhar para fora atravez da porta da direita alta. Ouvem-se outros gritos de Iгнеz, a qual reaparece afinal pelo mesmo logar, com os cabellos em desalinho, recuando e apertando o peito, como se lh'o tivessem ferido,

e vae amparar-se a uma columna do fundo, resvalando depois para o chão, onde fica meio ajoelhada. Pacheco desviou-se para a esquerda baixa. Entra Gonçalves e depois Coelho, ambos de punhal na mão, pela direita alta.) Mataram-me! (Fecha os olhos.)

GONÇALVES

Finalmente! (Aproxima-se para observá-la.)

IGNEZ

(Presentindo-o, abre os olhos e ergue-se um pouco.) Não! Não! Pelo amor de Deus... não me acabeis de matar! ... Pelos meus filhinhos! (Toca ao longe a buxina do terceiro acto. Os tres, que iam acommettel-a, recuam e Pacheco vae ao fundo espreitar do mainel.) Este som! Ah! E' elle! E' Pedro! Estou salva... Os cobardes já recuam! (Tem-se levantado, animada por energia momentanea.) Bastou-lhes ouvir o teu nome, para que toda a sua valentia... (Vendo-os crescerem de novo para ella.) Oh! Não! Perdoae! (Foge para o terraço, e aproxima-se do mainel, gritando, bracejando, como para chamar o amante.) Pedro! Acode-me!... Depressa!... Olha que me matam! (No momento em que Gonçalves vae feril-a de novo, Ignez faz uma volta sobre si mesma, despedindo um grito, como se a estivessem afogando, e leva, com a suffocação, as mãos á garganta.) Aii! Eu morro! Pedro!... Pedro!... (A voz extingue-se-lhe. Cai desamparada sobre o lado direito, e fica estendida no meio do terraço, morta. A buxina tem-se ouvido novamente, de mais perto.)

GONÇALVES

(Que ajoelhou ao pé de Ignez e a observou.) Morta!

PACHECO

(Que escutou do mainel, desce e vae tirar do candela-bro o brandão.) O infante já vem perto!... (Desviando Coelho, que ia apagar o brandão.) Não! E' para nos allumiar a sahida. (Dirigem-se para a direita baixa.)

COELHO

Se vamos topar com elle? ...

PACHECO

Por aqui não ha perigo!

D. JOÃO

(A' porta da esquerda alta.) Minha mãe!... Minha mãe!... (Os tres assustam-se.)

PACHECO

(Baixo e rapidamente.) E' o pequenito que despertou Vamos! (Saem pela porta da direita baixa, no instante em que D. João apparece á da esquerda alta. A lua occultou-se novamente.)

SCENA VIII

IGNEZ, D. JOÃO, DEPOIS PEDRO, DEPOIS EGAS,
RAYMUNDO E UM MONTEIRO.

D. João

Que homens eram aquelles? Deixaram-me ás escuras. Tenho medo! Minha mãe! Minha rica mãe!... (Brilha outra vez o luar. Satisfeito.) Ah! O luar!... (Avança, ás apalpadelas.) Mas a minha mãe onde está? (Indo para a porta da direita alta.) Talvez com os manos... Acordei a uns gritos... (Olhando á porta alludida.) Nenhuma luz... E eu aqui sósinho! (Chamando para o lado do terraço.) Minha mãe!... (Vendo o corpo de Ignez.) Quem está ali, deitado no chão?... (Chega-se, a medo.) Ah! E' ella! (Puxando por Ignez.) Minha mãesinha!... Respondei! Está dormindo. Acordae! Sou eu! (Tenta acordal-a. Tem augmentado no fundo o sussurro produzido pela approximação e chegada da comitiva do infante. O luar encobre-se outra vez.)

PEDRO

(Fora, na esquerda.) Ignez! Ignez! (Entra sem luz e vae chamando a todas as portas.) Onde estás? Corri, voei, mal recebi o teu aviso... Ignez! De longe, deite o signal com a buzina de caça! Ignez! Onde estás? Aqui me tens!

D. JOÃO

(Que o sentiu, approximando-se do pae, ás apalpadelas.)
Meu pae! . . .

PEDRO

E's tu, filho? *(Pega-lhe ao collo.)* E tua mãe?

D. JOÃO

Ali, a dormir. . . *(Pedro põe-n'o no chão, para elle o guiar.)*

PEDRO

Onde, meu anjo? *(João toma-o pela mão, para leval-o ao terraço.)* Tens as mãos molhadas! *(Egas entra com um brandão acceso. Vendo ensanguentadas as suas mãos e as do filho.)* Sangue! . . . Oh! Meu Deus! *(A João.)* Não ouviste? A tua mãe onde está?

D. JOÃO

(Subindo.) Aqui, no terraço, a dormir. . . *(Vão todos ao terraço. Egas allumia. Seguem-n'os Raymundo e um monteiro, que acabam de entrar.)*

PEDRO

(Vendo Ignez e como que repellindo um pensamento sinistro.) Oh! Não, não pode ser! Ignez, olha, aqui me tens! Levanta-te! *(Quer ajudal-a a erguer-se.)*

EGAS

Vêde, meu senhor, está ferida. . . sem dar accordo de si!

PEDRO

Jesus! Ai, que eu morro! Jesus! Jesus! *(Foge para a sala, enquanto os mais rodeiam Ignez e a examinam. Encontrando-se com Aldonça, que acaba de entrar pela porta da direita alta, meio estonteada e como se acabasse de recuperar os sentidos; agarra-a por um pulso.)* Mas que foi isto?! Que foi isto?!

SCENA IX

OS MESMOS, ALDONÇA, D. AFFONSO, ALVARO,
MONTEIROS, FALCOEIROS,
PAGENS, ESCUDEIROS E CREADAS DE IGNEZ

(Tanto os monteiros e falcoeiros, como os escudeiros e as creadas, entram successivamente e não em grupo, aquelles pela esquerda e estas pelo direita.)

ALDONÇA

Eu vinha ter com a minha senhora, quando topei *(Indica a direita alta.)* ali dentro Pero Coelho. adivinhei tudo e gritei que vinham matal-a... Então elle e Alvaro Gonçalves, de punhal na mão ..

PEDRO

Mas acudiste-lhe? Chamaste por soccorro?

ALDONÇA

Sem voz, sem movimento, vi tudo e não lhe pude valer! Veiu cahir aqui mesmo. Quando lhe destes signal, ainda se levantou, gritando por vós *(Indicando o terraço.)* Mas os carrascos arremetteram de novo... Depois não vi mais nada, desmaiei e só agora . . . *(Vae para junto de Ignez.)*

PEDRO

(Que mal ouviu o resto da falla precedente.) Ah! Malvados! Malvados! *(Ajoelhado ao pé de Ignez.)* Mas tu não morres, não! Só se Deus fosse um monstro de crueza e iniquidade! Torna a ti, meu amor! *(A Aldonça, que ampara Ignez.)* Assim, assim mesmo. Como és sua amiga! *(A Egás, tendo-se levantado.)* Mas vae chamar um physico... quantos houver em Coimbra! *(Batendo com os punhos fechados nas fontes.)* E eu que não acreditei n'aquelles avisos!... E deixei-a sósinha! Estupido e cobarde!

ALDONÇA

(Tendo desapertado o vestido de Ignez, no regaço.) Ail Meu Deus!...

PEDRO

(Acudindo.) Hem! O quê? (Recuando e voltando a cara.) Não vi nada... (Com a voz a tremer, baixinho.) Mais sangue ainda!... (Beija as mãos febrilmente, como para beijar o sangue de Ignez. A Alvaro que se dirigia para elle tendo-se afastado de Ignez descorçoado.) Mas ide em busca dos assassinos, persegui-os, alcançae-os. (A Raymundo.) E tu tambem!... Já! (Erguendo os braços para o ceo.) Oh! Deus, juro pela hostia consagrada que lhes hei de morder os corações!

ALDONÇA

(A uma creada que tambem ampara Ignez.) Parece-me que ainda respira.

PEDRO

E ha de viver! Podia estar á mercê de um acaso brutal, a vida da mulher que mais amada tem sido no mundo!

ALVARO

(Que foi outra vez examinar a irmã.) Está morta!

PEDRO

(Voltando-se rapidamente e desenbainhando a espada.) Quem o disse, que lhe quero?...

ALVARO

(Batendo no punho da sua espada.) Essa espada, senhor, e esta, só contra os infames que a mataram.

PEDRO

Mas se não esta morta!... (Deixa cahir a espada e chega-se á amante.) Ignez! Ignez! (Reconhecendo a verdade, solta um grito.) Ah! (Levanta-a e beija-a muito, n'um paroxismo de lagrimas.) Meu anjo! Meu amor! (Ergue-se de repente enxugando á pressa as lagrimas.) Basta! Estejam os malvados onde estiverem, occultos sob o manto réal, hei de chacinal-os com a minha adaga, ainda que primeiro atravesse o coração de um pae!... Pae?... Assassino como elles! (Aos homens presentes, depois de embainhar a espada.) Olá! Aprestae-vos, que vamos partir para a guerra. Affonso de Portugal, acceito o repto, embora para me affrontar

contigo haja de amontoar cadaveres sobre cadaveres, de arrasar e incendiar cidades, villas e castellos... Sim! Que as labaredas que se evolvem sinistras dos escombros sejam os brandões funerarios com que a vingança allumia o cadaver de Ignez de Castro... o meu adorado amor! (*Dix estas ultimas palavras por entre lagrimas, indo cahir novamente de joelhos ao pé de Ignez; ampara-a e beija-a. Conserva-a nos braços, tendo D. João ao pé. O luar illumina os tres. Pela sala, distribuidos desegualmente servidores do infante. Alguns pagens seguram brandões accesos. Alvaró, Aldonça e as creadas choram. Quadro. Desce o panno devagar.*)

FIM DO 4.º ACTO

ACTO V

Sala de abobada no antigo mosteiro das donas de Santa Clara, na margem do Mondego fronteira a Coimbra. No fundo, tapando o vão de um arco, duas cortinas de brocado, que a seu tempo correrão para os lados, desvelando um throno, assente n'um estrado de tres degraus, onde haverá duas cadeiras com espaldar e sobrecéo de madeira esculpida e rendilhada. Architectura e mobilia de estylo gothico. Porta da direita, e da esquerda janella ogival com vitraes. A acção decorre em 24 de abril de 1361.

SCENA I

ALVARO, FREIRAS, SERVIDORES DE D. PEDRO,
DEPOIS EGAS

(Durante esta scena ha constante movimento, regulado algumas vezes pelas rubricas, de freiras, que entram da esquerda e sahem por entre as cortinas, ou que assomam ao meio d'ellas para receber o que, vindo da direita, lhes trazem os servidores do rei — a corôa, o sceptro, o manto, etc., para ornar o cadaver de Ignex, que se suppõe já tirado do sepulcro e posto no throno. Ouvem-se longinquos sons de um orgão.)

ALVARO

(Entra da direita baixa e pára junto á porta, olhando interdicto para as cortinas, ao tempo que uma freira, que entrou da esquerda, desaparece por entre ellas.)
E' aqui... Aqui te vae ser prestada a grandiosa homenagem, minha pobre Ignex! Ah! Podesses tu, do ceo onde estás, vêr o pretoito que te rende o teu principe! Honrado e nobre coração! Hontem rehabilitou-lhe a memoria, jurando havel-a desposado; hoje dedica-lhe as honras que se prestam ás rainhas. Maiores

ainda ! A sua trasladação para Alcobaça vae exceder a tudo o que se tem visto ! (*Vendo um servidor passar com a corôa.*) Que só depois de morta a revistam aquellas insignias !... (*Dando um passo para as cortinas.*) Basta-me dar um passo para tornar a vel-a, mas não tenho animo... (*Vendo Egas entrar da direita.*) Já a vistes ?

EGAS

Não, meu senhor. Estive até agora com sua real mercê, junto da fonte dos seus amores. Lá quiz ficar sósinho.

ALVARO

Sempre a engolfar-se no passado ! Também hontem ali foi. Segui-o de longe, sem que me presentisse, e vi-o chegar-se ao aqueducto, e, sacando do seio um pergaminho, confial-o á corrente sobre um pedaço de cortiça, como outrora, cuidando que a missiva iria ter ás mãos da sua amada !

EGAS

Que ha seis annos dorme o eterno somno. Espantoso e grande amor !

ALVARO

Permitta Deus que a sua razão !... Permitta de certo ! Se não pode aniquilal-a o crime dos infames assassinos !

EGAS

Sabeis quando mais me assalta esse mesmo receio, apezar do grande acerto com que el-rei sabe fazer justiça ? Quando falla n'elles, e se lembra de que um dos tres, o Pacheco, logrou escapar á sua tremenda vingança. E—Deus me perdoe!—no proprio castigo dos outros, n'aquelle requinte de ferocidade?... Pois o meu amo, tão bom e generoso, se estivesse com todo o seu juizo?...

ALVARO

(*Com força.*) Faria o que fez !

EGAS

Quem sabe !... Crêdes-me certamente leal servidor d'el-rei.

ALVARO

Faço-vos justiça. Se como D. Raymundo, irmão da vossa defunta mulher, não perdestes a vida na guerra motivada pelo assassinio de minha irmã, não foi porque mil vezes vos não arriscasseis nas hostes de D. Pedro! Mas, como seu leal servidor, deverieis julgar o castigo inferior á culpa. No seu caso faria o mesmo!

EGAS

Porém...

ALVARO

Pois quando el-rei, depois do fallecimento de seu pae, tratou com o soberano de Castella a troca dos assassinos pelos quatro fidalgos do meu paiz que se tinham aqui refugiado, não sabia eu perfeitamente qual o supplicio destinado aos protervos algozes? Sabia e tomei parte n'aquella negociação, para que fosse mais prompta a vingança. (*Pezaroso.*) Não pude presencial-a!

EGAS

Não vos lastimeis, que já decorreram tres annos e ainda tenho deante dos olhos o pavoroso espectaculo.

ALVARO

Não foi em Santarem que el-rei soube da proxima chegada de Gonçalves e Coelho?

EGAS

Sim, meu senhor, e, como lhe dissessem que ja vi-nham perto, sahiu muito prazenteiro a recebê-los. Só o exasperava a fuga do Pacheco.

ALVARO

Eis um homem que não deve chorar as esmolos que tem dado. Se o não avisara o mendigo a quem favorecia... Sabeis?

EGAS

(*Affirmando com um gesto.*) Não andaria agora fugido por França ou Inglaterra, e teria tambem pago com o tormento e a morte...

ALVARO

(*Meneando a cabeça, approvativamente.*) Foram postos a tratos!

EGAS

Nenhum, porém, confessou mais nada, e então el-rei, furioso, bateu com força na cara de Pero Coelho.

ALVARO

E o traidor, bem sei, faltou-lhe ao respeito, insultou-o. (*Sarcastico.*) Foi exaggerado o castigo, pois não foi!

EGAS

E o que mais se viu n'aquelle dia, snr. D. Alvaro de Castro! Depois de nova tortura, os dois infelizes — os dois malvados, tendes razão — convertidos em postas de carne escorrendo sangue, padeceram aquella horrivel morte (*A custo.*) á vista d'el-rei, que jantava, no entretanto a uma janella do paço. Os algozes, para arrancarem o coração pelo peito a Pero Coelho e a Alvaro Gonçalves pelas costas, levaram muito tempo, não tendo nunca executado supplicio equal.

ALVARO

Padeceram! Tambem ella padeceu muito!

EGAS

Era Gonçalves valoroso e arrogante, mas ao cabo uniu os seus gritos aos do companheiro. Ainda os ouço! Nem os condemnados do inferno gritarão assim.

ALVARO

Acaso tiveram elles compaixão dos gritos de Ignez de Castro? E essa nunca tinha feito mal a ninguém.

EGAS

Era um anjo de bondade! Mas o dó que elles me causaram, tenho-o sempre que vejo padecer os meus semelhantes.

ALVARO

Semelhantes dos tigres e dos lobos! Porém as fe-

ras, ao menos, obedecem ao impulso proprio, ao passo que elles... Deus se tenha compadecido da vossa alma, D. Affonso de Portugal!

EGAS

Outro que tambem padeceu muito nos dois annos que sobreviveu ao crime.

SCENA II

OS MESMOS E ALDONÇA

ALDONÇA

(Entrando por entre as cortinas do fundo, muito commovida e enxugando os olhos.) Minha pobre senhora! Arrependo-me de ter vindo.

ALVARO

(Pegando-lhe na mão.) Sempre dedicada a minha irmã!

ALDONÇA

Quiz prestar-lhe este ultimo serviço, embora soubesse que ia renovar a maior magoa de toda a minha vida.

ALVARO

E então ?...

ALDONÇA

Quando a vi e, ajudada pelas religiosas d'este mosteiro, a tirei do caixão onde jazia, foi como se de repente me assaltassem todos os horrores d'aquella noite. Ouvi-lhe os gritos lancinantes, vi os punhaes a enterrarem-se-lhe no peito, e o sangue espadanar com violencia! Para que presumi eu tanto de mim?

ALVARO

Mas o cadaver? . .

ALDONÇA

Já está no throno. Vinde vel-a! Mais majestosa

rainha depois de morta do que muitas durante a vida...
(*Egas sobe um pouco e aproxima-se das cortinas. Aldonça sobe também, mas detem-se ao ouvir a seguinte palavra.*)

ALVARO

Esperae! E' que perco o animo, quando imagino...
Que ventura immensa lhe seria dado gosar se fosse viva! Estava ainda na flor dos annos. Amada com um amor tamanho, que venceu a propria mortel...

ALDONÇA

Mas vinde vel-a! O corpo de uma santa!... (*Sobe.*)

ALVARO

(*Vendo D. Pedro assomar á porta da direita.*) El-rei!
(*Aldonça, que chegou a levantar uma das cortinas, deixa-a cahir e vae para a esquerda.*)

SCENA III

OS MESMOS E D. PEDRO

(*D. Pedro entra da direita, cabisbaixo, com os braços cruzados sobre o peito, e sem ver as outras personagens, de alheio que está a quanto o rodeia. Chega deante das cortinas, vae para levantá-las, hesita, e desce por fim, tapando o rosto com as mãos. Pausa.*)

PEDRO

(*A meia voz, erguendo o rosto para o ceo.*) Senhor, Senhor, não me tireis a luz da razão, antes que eu a tenha visto uma vez ainda! E não estarei eu louco julgando que ainda posso vel-a? Pois é a minha Ignez o que está para além d'aquellas cortinas?... O seu rosto, de belleza angelical, em que a tornaria a po-dridão da campa? Vermes repugnantes devoraram-lhe os olhos garços, aquelles olhos que só de me fitarem entornavam na minha alma o doce balsamo do perdão e da paz! E os seus labios frescos e pur-purinos, que me beijaram tanto, que me disseram fallas tão meigas? Desbotados, resequidos pela morte, talvez apodrecidos também! (*Tendo subido, desce novamente. Com impeto.*) Não quero vel-a! Levem-

n'a, que não é a minha Ignez. (*Recordando-se, com desespero.*) E foram os malvados!... Ah! Mas dois ao menos!...

ALVARO

(*Querendo interrompê-lo.*) Meu senhor...

PEDRO

(*Agarrando-lhe um braço.*) Vi-os estorcer n'uma agonia medonha. Porque veio tão cedo a morte? Depois... (*Larga o braço de Alvaro.*) Sinto sempre na bocca o fel que lhes escorria dos corações! Ainda palpitavam, quando m'os trouxeram na escudela de prata. Cravei os dentes bem fundo n'aquella carne maldita! Desde então é que a minha alma foi socegando. Ignez estava completamente vingada. (*Exaltando-se.*) Não! Escapou um dos tres! O perverso tinha um amigo, o chacal fazia bem. (*Mais suavemente, voltando-se para as cortinas.*) Mas tu já perdoaste e aconselhas-me a que perdoe. Escuto-o, ás vezes, n'uns murmurios que passam no ar, como um frémito de azas de seraphins. (*Dando um passo para as cortinas. Esperançado.*) E se conservasse a mesma formosura? Porque não faria Deus este milagre ao seu anjo? Quero vê-la! E hão de beijar-lhe a mão! Mas porque não correm essas cortinas? Vá, que mando eu! Aparece, meu amor, meu amor! (*Egas e Aldonça subiram para o fundo, á phrase «quero vê-la», e desaparecem por traz das cortinas, que se descerram lentamente, deixando ver Ignez na esquerda do throno, não sentada mas hirta. Sae fumo de dois perfumadores postos aos lados do estrado. As freiras com círios accesos, Aldonça e Egas dispostos de maneira que Ignez fique bem á vista do publico. Pedro recúa um pouco, sem se atrever a olhar. O sol, coando-se através dos vitraes, projecta sobre Ignez luz vermelha ou azul, dando-lhe um aspecto meio phantastico.*)

ALVARO

(*Muito commovido.*) Senhor, ali tendes a martyr!

PEDRO

(*Contemplando-a.*) E' ella! Deus fez o milagre!... E' a minha Ignez! (*Approxima-se, sem ainda subir ao estrado.*) Sabes?... Amo-te ainda... amo-te como no primeiro dia! Ah! Mas tu não me ouves, tu não podes responder-me!

ALVARO

(Baixo a Aldonça, afflicto.) Esta exaltação!... (Alto, a D. Pedro.) Meu senhor, quereis que mande entrar a côrte?

PEDRO

Sim! Sim! E que toquem festivamente os sinos e as charamellas! A rainha vae dar beijamão! (Põem-lhe a corôa e o manto real. Pega no sceptro. Egas sae pela direita. A Alvaro.) Vós a meu lado, que sois irmão de minha esposa. (Sobe ao estrado, ajoelha, beija primeiro que todos a mão de Ignez, e depois fica de pé, em frente da cadeira vazia, com o sceptro estendido sobre a cabeça de Ignez; Alvaro, á direita. Os sinos e as charamellas tocam dentro dos bastidores. Aparecem á direita os primeiros cortezãos, que veem para a cerimonia.)

SCENA IV

OS MESMOS E A CÔRTE

(Entram na frente quatro arautos, que vão postar-se aos lados do throno. Seguem-se os fidalgos, prelados, damas, etc.)

D. PEDRO

(Quando já estão em scena alguns cortezãos.) Prelados, ricos-homens, infanções e cavalleiros, beijae a mão á rainha de Portugal! (Os cortezãos desfilam a um e um pela frente do throno, curvam o joelho deante de Ignez de Castro e beijam-lhe a mão. D. Pedro observa muito inquieto, para que nenhum deixe prestar a homenagem. Órgão ao longe. Os sinos e as charamellas tocam com mais força e sempre festivamente. O panno desce vagaroso, quando alguns cortezãos tiverem executado o beijamão.)

FIM DO DRAMA

NOTA

A distribuição que se encontra na pagina 8 é a que teve o drama primitivamente, não só no theatro da Rua dos Condes, mas também no do Príncipe Real, do Porto, onde foi representado pela mesma companhia.

No anno seguinte passou para o theatro do Príncipe Real, de Lisboa, onde desde então se tem representado em diversas epochas, fazendo sempre o papel de D. Pedro o actor Ernesto do Valle. O de Ignez tem sido ali interpretado pelas actrices Amelia Vieira, Adelina Abranches, Rosa de Oliveira, e ultimamente por Lucinda do Carmo. N'este theatro o papel de Constança foi, em epochas anteriores á actual, desempenhado por Adelina Abranches e Maria das Dores; o de Affonso IV por Francisco Costa e Luciano de Castro; o de Egas por Antonio Pinheiro e Baptista; o de Sancha Peres por Maria das Dores e Elisa Aragonés; o de Alvaro de Castro por Pato Moniz; o de Raymundo Moniz Peres por Sergio de Almeida e Caetano dos Reis; o de Mendo Ayres de Briteiros por Ferreira; o de Fernão Paes por Antonio Salvador e Augusto Machado; o de Diogo Lopes Pacheco por Augusto Torres; os de Martim e Aldonça por Antonia de Souza e Conceição Reis, etc.

O drama *Ignez de Castro* tem sido também representado em outras cidades portuguezas do continente e ilhas, e no Brasil, no Rio de Janeiro (theatro Lucinda), Pará, Manaus, etc.

Na epocha de 1907-1908 a distribuição no theatro do Príncipe Real, de Lisboa, é a seguinte:

- D. Pedro* — Ernesto do Valle.
- D. Affonso IV* — Luciano de Castro.
- Raymundo* — Carlos Leal.
- Alvaro de Castro* — Eduardo Vieira.
- Egas Peres* — Mario Velloso
- Mendo* — Thomaz Vieira.
- Diogo Lopes Pacheco* — Avellar.
- Alvaro Gonçalves* — Lima Teixeira.
- Pero Coelho* — Narciso Vaz.
- Martim* — Maria Reis.
- D. João* — Carlos.
- Fernão Paes* — Arthur Rodrigues.
- Ignez de Castro* — Lucinda do Carmo.
- Constança* — Leonor de Faria.
- Sancha* — Maria das Dores.
- Aldonça Gomes* — Maria Reis.

